ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
CÂMARA MUNICIPAL DO RIO GRANDE

f/s 03

PROJETO DE LEI – PLV Nº 19 /2006

PROTOCOLADO SOB Nº 804 /2006

EM 19 / 04 /2006

	ATA
EXPEDIENTE / /2006	
ACEITO EM / /2006	
APROVADO EM / /2006	
REJEITADO EM / /2006	
ARQUIVO	

Exmo. Sr. Presidente:

O Vereador abaixo assinado, solicita, após ouvida a casa, que seja analisado o seguinte Projeto

"PROJETO DE LEI"

Dá a denominação de **João Antônio Peixoto Primo**, a uma via pública do Município.

Art. 1° - Dá a denominação de **João Antônio Peixoto Primo**, a uma via pública do Município.

Art. 2° - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Justificativa: Em Plenário.

Sala Das Sessões, 19 de abril de 2006.

Vereador SANDRO OLIVEIRA (BOKA)
1° Vice-presidente da Câmara de Vereadores
Bancada do PMDB

VISTO

Presidente

ANEXO AO PLV 19/2006
PROCESSO 204/06

1/203

Estado do Rio Grande do Sul
Câmara Municipal do Rio Grande

Of. n.º 028/2002
Processo nº 79.175

Rio Grande, 16 de janeiro de 2002.

Senhores Familiares,

Apraz-nos cumprimentá-lo, oportunidade que, em atendimento a proposição dos Vereador Cláudio Castanheira Diaz, aprovada em 14 de janeiro p.p.do, vimos enviar a Vossas Senhorias, votos de profundo pesar pelo falecimento do senhor JOÃO ANTÔNIO PEIXOTO PRIMO.

Sendo o que tínhamos para o momento aproveitamos o ensejo para renovar os protestos de elevada estima e distinta consideração.

Ver. Paulo Renato Mattos Gomes
Presidente

Ilma. Sra.
Drª. Dinorah Primo Carvalho
Rua Gen. Bacelar, 378 conj.1002 / Rio Grande.

Doe órgãos, doe sangue. Salve Vidas!

Conjunto "Primo e Três de Brasília"

Fundado em 1990
Brasília – DF

1/504

Rio Grande, 17 de abril de 2006.

Ilmo. Senhor
Sandro Figueredo de Oliveira (Boka)
1° Vice Presidente da Câmara Municipal do Rio Grande
DD. Vereador do PMDB
N/Cidade

Saudações

Amigo e familiares de João Antonio Peixoto Primo, Diretor (Maestro) DO Conjunto Primo e Três de Brasília falecido em 31 de dezembro de 2001, filho de João Francisco Oliveira Primo e de Dinorah Peixoto Primo, vimos solicitar a V. Sa. para que fosse elaborado um Projeto Lei que denomina de "MAESTRO PEIXOTO PRIMO" a uma via pública deste município e ser enviado a Câmara Municipal.

Será uma homenagem a quem durante 53 anos contribuiu na cultura musical, formação de vários músicos e representava nosso Município e o País no Exterior, sempre citando Rio Grande como a maior cidade do mundo, por sua paixão e possuir suas raízes neste município.

Anexo Biografia para melhor informação na elaboração do projeto.

Contatar: (Jaime) Rua Visconde de Mauá, nº 83 – fone 3232-4670 / 8117-2554.

Pelo acima exposto, aguardamos Deferimento da justa e merecida solicitação.

Atenciosamente,

Enildo Barreto
Amigo

Enilda Tremper
Irmã

Jaime Primo Dias
Sobrinho

Márcia Primo Carvalho
Sobrinha

Conjunto "Primo e Três de Brasília"

Fundado em 1990
Brasília – DF

BIOGRAFIA "MAESTRO PRIMO"

JOAO ANTONIO PEIXOTO PRIMO "Maestro Primo", nasceu em 23/03/1933 em Rio Grande – RS, filho de João Francisco Oliveira Primo e de Dinorah Peixoto Primo, sendo o caçula dos nove filhos do casal. Iniciou aos quatro anos de idade com sua mãe que era Pianista e Compositora, revelando-se para a música desde esta idade. Aos cinco anos já tocava Piano.

Começou na profissão em 1947, tocando Acordeon no Regional do Chiquinho (Chico Porto), na Rádio Cultura Riograndina. Em 1950 já integrava a Orquestra de "Nunes e Seus Rapazes", tocando em bailes e boates, como a Boate Veterana, Mangacha, inclusive no interior do estado.

Em 1956 a convite de Glênio Reis, foi para a Rádio Farroupilha em Porto Alegre, desta passando para a Rádio Gaúcha a convite do seu amigo Maurício Sirotski Sobrinho.

Em 1960 extingue o "Primo e seu Conjunto" e funda o "Flamingo", conjunto que inovou totalmente a execução instrumental fazendo estrondoso sucesso, nele reunindo os melhores instrumentistas da época. Uma das cantoras do grupo era Elis Regina.

Em 1966 era Pianista da Boate Arpege no Rio de Janeiro de Waldir Calmon. Este um dos maiores pianistas do Brasil. Quando foi convidado pelo cantor Agostinho dos Santos para uma Turnê a Europa tocando a bordo de um Navio de Turismo.

Em 1967 retornou a Europa desta vez como Pianista da "Orquestra Copacabana", para tocarem em Mônaco no aniversário da Princesa Grace Kelly, no Cassino de Mônaco. Eram oito Orquestras Internacionais que tocavam simultaneamente em oito salões de Cassinos. Coube a "Copacabana" fazer a valsa de abertura, com Grace Kelly dançando com o ator Hollywoodiano David Niven. Só após a valsa é que as outras sete orquestras puderam iniciar em seus respectivos salões sob ordens do Príncipe Rainier de Mônaco.

Em 1972 a convite de seu amigo Pratini de Morais foi convidado para tocar no aniversário do Presidente Médici de regresso a Porto Alegre onde morava. Transferiu-se para Brasília em seguida onde passou a tocar para a Presidência da República. Foi considerado pela crônica de Brasília o "Candango da Música" (O Pioneiro!). Nesta época Primo trazia cantores que atuavam com ele, daí a amizade que fez com Dominguinhos, Clara Nunes e outros. Tocou de Médici até FHC sendo João Figueiredo o mais amigo de todos.

Ronald Reagan (Presidente dos EUA) em sua visita a Brasília cantou durante a festa acompanhado por Primo ao Piano. E quando Reagan fez aniversário mandou convite especial para Primo tocar em Washington na Casa Branca.

Tocou para celebridades mundiais como a Princesa Sílvia da Suécia, Lady Diana (Lady Di), Rei Juan Carlo da Espanha, 1° Ministro de Portugal, entre muitos outros.

Ao todo tocou em 46 países tendo residido no México, EUA (Los Angeles). Tocou a bordo do Vôo na viagem inaugural da linha São Paulo-Tóquio da Varig e permaneceu um mês tocando na Agência de Tóquio divulgando a música brasileira.

Conjunto "Primo e Três de Brasília"

Fundado em 1990
Brasília – DF

Sempre divulgou com entusiasmo o nome de sua terra, onde quer que estivesse, "Sou de Rio Grande, único Porto Marítimo do Rio Grande do Sul", que pronunciava sempre com muito orgulho. No programa Jô Onze e Meia, amigo de Jô Soares, mais de uma vez divulgou a sua terra.

Em 1990 fundou "Primo e Três de Brasília" no qual atuavam seu filho Alex, Arlindo Baby, Queiroz e Mauro (do Grupo "Só Pra Contrariar"). Participou de inúmeros Grupos em sua carreira, sempre com sucesso. Durante sua carreira, como já exposto, recebeu Placas e Condecorações dos Presidentes da República desde Médici até FHC. Recebeu a Honraria do título de "Cidadão de Brasília" conferido por sua Assembléia Legislativa em 1982.

Em 2002 foi agraciado no Grau de Cavaleiro da Comenda de Silva Paes, Post Morten, entregue pelo Prefeito Fábio Branco. Recebeu inúmeras outras Honrarias conferidas por Ministérios e entidades civis em Brasília sempre por serviços prestados na música.

Faleceu em 31 de dezembro de 2001 em Brasília, era casado com Adelaide Primo e filhos Luciano, Alexandre, Guadalupe e Rosimeri. Significativas homenagens foram feitas ao Primo em Brasília, destacando-se a do Clube do Choro do qual foi fundador e da Biblioteca de Brasília, que abriu uma ala especial para exposição de troféus, medalhas, placas, condecorações e fotos de Primo (no Jornal Anexo).

Deixou por fim, uma coletânea de Discos LP's gravados ao longo de sua carreira de 53 anos de vida profissional e ao finalizar um CD com seleções de repertório com o título "Festa Acabada" (Vide anexo).

Este foi o MAESTRO PRIMO em breves palavras!

CURRICULUM ARTÍSTICO

Pianista, organista, com 25 LPs gravados em todo mundo (México, EEUU, Viena, França, Venezuela, Argentina, Alemanha, Espanha, etc...);

Atuações, como músico brasileiro no México, EEUU, Europa, Maestro e Mestre de Cerimônias dos Navios da Ybara S/A, de Bilbao Espanha);

Único conjunto brasileiro a atuar em Ushuaia, e todo sul argentino, portanto na maior parte austral do continente americano;

Amigo pessoal do Presidente Ronald Reagan, para quem atuou em 1983;

Atuou para o Presidente François Miterrand;

Atuou para o Sr. Mionistro Felipe Gonzales;

Atuou para o Presidente do Zaire;

Atuou para o Presidente do México;

Atuou para o Presidente da Romênia;

Atuou para o Presidente dos EEUU;

Atuou para o Presidente da Argentina;

Atuou para o Presidente do Uruguai;

Atuou para o Presidente do Perú;

Atuou para os o últimos Presidentes do Brasil;

Conselheiro da O.M.B. (2 períodos) - Vice-Presidente.

5 - PORTARIA

Do Sr. Ministro da Indústria e do Comércio, em 1974, designando-me como "Auxiliar do Gabinete do Ministro". Gratificação de Gabinete.

6 - PARTICIPAÇÃO

120 horas em cursos de Relações Humanas na "Academia de Comunicação Social y Humana", no México City.

Seminário Internacional de Relaciones Publicas para Executivos, em Caracas (Venezuela), em Junho de 1966, 240 horas.

Coordenador Social e Artístico do III Simpósio Inter-Regional de Siderurgia, realizado em Brasília, em Outubro de 1973.

Seminário de Custo Hoteleiro - Buenos Aires

Simpósio de Turismo Marítimo em Ushuaia - RA - 62 horas

Festival Internacional de Folclóres em San Sebastian (Espanha).

Curso de turismo Intensivo (Palma de Maiorca)

Diretor Social da AABB - Rio de Janeiro - 1966

Diretor Social da AABB - Porto Alegre - 1962

II Congresso Brasileiro de Relações Públicas - realizado na Cidade Universitária (São Paulo) em 23/03/74

Seminário de turismo realizado pelo SENAC em 07/05/73.

Curso de Desenvolvimento Interpessoal na Universidade de Brasília, com duração de 30 horas, em Fevereiro de 1974

Presidente da ASMIC - 1975 A 1978.

Vice-Presidente da O.M.B. (Ordem dos Músicos do Brasil)

PROCESSO

GOL
Livros novos e inteligentes

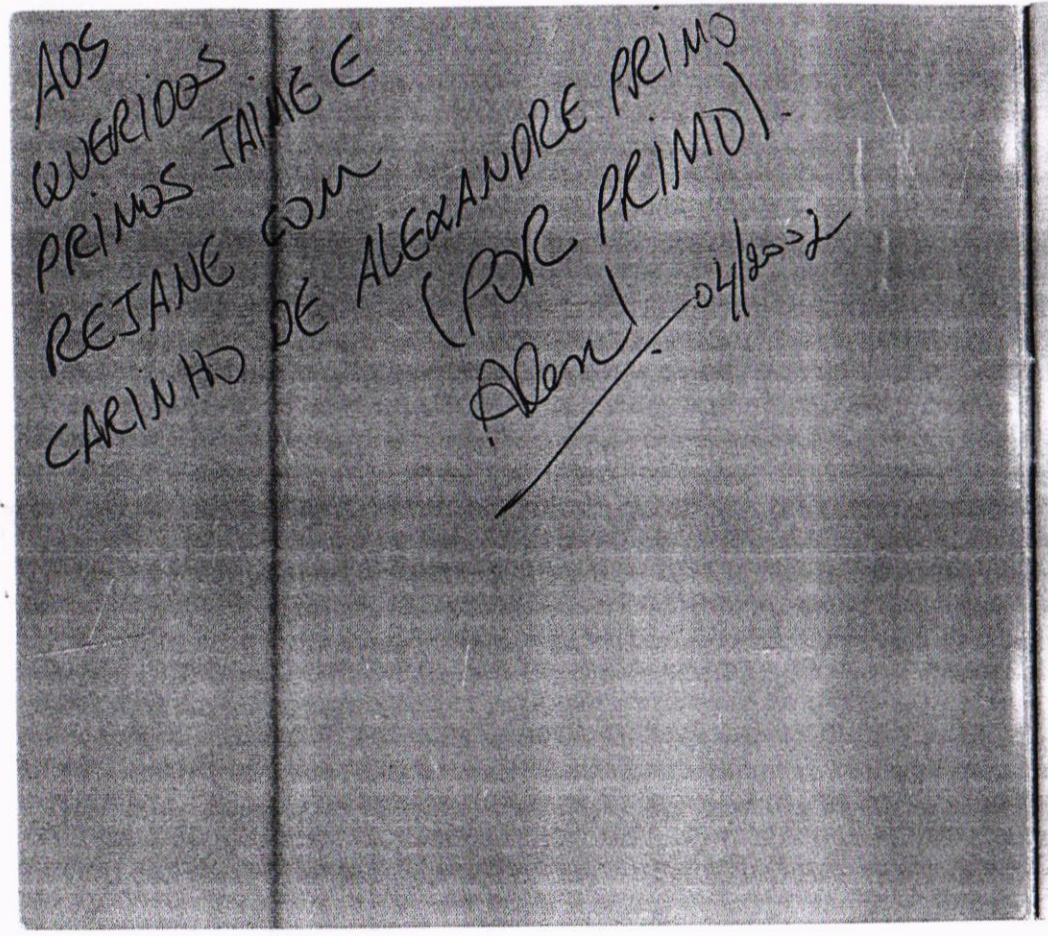


FESTA ACABADA

MÚSICOS A PÉ

João Antônio Peixoto Primo

fls 10



Meu amigo Primo

Primo e eu somos amigos há muito tempo. Sobre nosso relacionamento tenho dito algumas vezes que somos irmãos em música.

Os músicos brasileiros estão entre os melhores do Mundo. Quem viaja sabe o quanto eles contribuem para divulgar uma das nossas manifestações de cultura e sentimento mais puras, a incomparável música popular brasileira. A qualidade não tem fronteira e nossos músicos quando atuam no exterior reafirmam o que estou dizendo.

Primo está entre aqueles que não tem barreiras para fazer chegar essa mensagem musical a quem quiser ouvi-la. Ele continua dedilhando o teclado para que ouçamos um pouco de felicidade sonora, distribuída a todos aqueles que gostam de boa música. A saudade também faz parte do repertório.

Com pouco texto e muita música Primo conta para nós neste CD um pouco da sua vida. Com seus acordes ele continua trilhando a pauta a sua frente. É assim que tem que ser, pois a música é a sua razão de ser.

Marcus Vinicius Pratini de Moraes



Enfim, um músico descamisado.

Conversa de balcao

Primo é um músico profissional com cinqüenta anos de pistas de danças, de esquinas e ruas, rumores e amores, sons e lágrimas, dores e risos, bares e lares e muitos, muitos amigos.

A quem interessar possa, ele nasceu em Rio Grande, no sul do Rio Grande do Sul. Lá viveu os seus primeiros 21 anos dos sessenta e alguns já percorridos nas mais variadas escalas, escalões e escaletas.
Na ZYC-3, Rádio Cultura Riograndina, começou o seu contato com os teclados, abraçando um acordeom no Regional de Chiquinho, o Chico Porto. Com esse pano de fundo surgiu seu primeiro conjunto de baile, Primo e seu Conjunto Melódico.

Com um olhar sacana nosso artista diz que muitos dos jovens casais que trocaram o primeiro "amasso" ao ritmo de seu teclado, continuam juntos até hoje. Outros, simplesmente dançaram.
Vamos pegar essa carona com ele e, ouvindo músicas antológicas, ficar sabendo um pouco do muito que ele viveu - tocando e tocado - por este mundo nosso de todas as noites de um Deus que não dorme.
O nome dele é João Antônio Peixoto Primo, mas pode chamar de Primo que ele se toca.

Carlos Eduardo Behrensdorf
(um dos amigos do Primo)



Primo com o Flamingo.

Nomes & Datas



O elenco do programa Rádio Seqüência.

Aprendi a gostar de música em casa e a tocar "de ouvido", ensinado por minha mãe. No início dos anos cinqüenta em Rio Grande, quando atuava em uma das boites da cidade - o Centro Cultural e Artístico Mangache - tinha como companheiros Canabá, Fifa, Peri Silveira, Nande, Camoati e Paulinho Magalhães, que eram ótimos. Com essa turma atuei ao lado de grandes artistas daquela época. Seus nomes são repetidos com admiração até hoje, por todos aqueles que gostam de boa música sem fronteiras. Entre eles estão os de Carlos Galhardo, Gilberto Milfont, Gregório Barrios, Ivon Curi, Jorge Veiga, Linda Batista, Nelson Gonçalves e Silvio Caldas, além de outros de expressão nacional e internacional.

Foi nesse período que fui observado por Glênio Reis e Euclides Prado, ambos da Rádio Farroupilha, de Porto Alegre. Deles partiu a sugestão de ir para a capital. Na época, a Farroupilha fazia parte do poderoso grupo dos Diários Associados, dirigido por Assis Chateaubriand. Era a maior vitrina para os artistas do Sul.



Primo e seu conjunto na Rádio Farroupilha.

Em 1955 com mala, cuia, papagaio, cachorro e rádio, peguei o rumo para Porto Alegre onde fui morar na Pensão Riograndina, na João Pessoa. Lá, conheci dois músicos que atuavam na Farroupilha - Giovane Porzio e Wayne Dutra - e deles veio o convite para ser o pianista do programa Rádio Seqüência, então líder de audiência no horário das 11 às 13 horas. Tudo deu certo.
Pouco tempo depois formei um conjunto com o Nilton Baraldo (guitarra), Sumerval Baraldo (bateria), Osvaldo Carreiro, (acordeom) Adão Belo, (contrabaixo) e Fernando Colares, como "crooner". Eu era o pianista. Durante oito anos disputamos com Norberto Baldauf o título de melhor conjunto do Rio Grande do Sul. Era uma briga e tanto.

Em 1959, passei a atuar como vibrafonista do Conjunto Flamingo. Sob minha direção, em pouco mais de dois anos, o conjunto era um sucesso e tinha uma menina como "lady crooner" que se transformou num grande sucesso. O nome dela era Elis Regina.

No início da década de 60 o então presidente Jânio Quadros



Primo na boite Veterana em Rio Grande.

decretou que as companhias de gravação multinacionais teriam que ter, obrigatoriamente, um artista brasileiro. O Flamingo foi escolhido para gravar na Audio Fidelity, que pertencia a Frank Sinatra. Na companhia gravamos três "long plays" (LPs) e a composição do conjunto era a seguinte: Ruben Gruman (contrabaixo), Wilson Aiala (acordeom), Adilson Silva, Seliane e Betinho Miranda (ritmistas), Clóvis Ibañez (baterista), Boner Rangel e Fernando Colares ("crooners").

Deixando a modéstia de lado, o Flamingo tornou-se o mais conhecido e importante do estado. Fomos escolhidos por Hebe Camargo que atuava na TV Piratini no comando do programa Atualidades Wallig para acompanhá-la numa série de programas que realizou na emissora gaúcha.

Como funcionário do Banco do Brasil fui transferido para o Rio de Janeiro em 1964. E lá recebi um convite de Waldir Calmon para atuar em sua boate, Arpège, na Gustavo Sampaio, no Leme. Na mesma ocasião fui convidado pelo organista Ed Lincoln para ser o diretor artístico da gravadora Musidisc, naquela época a melhor

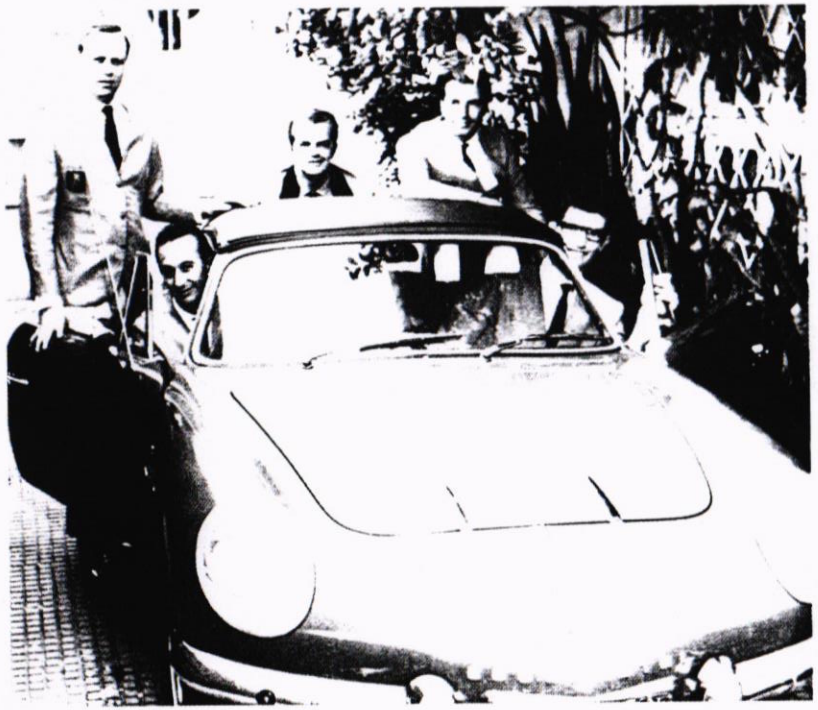


No tempo da seleção dançante.

do Brasil e que pertencia ao cantor Nilo Sérgio. Ali comecei um novo trabalho produzindo e dirigindo artistas como Pedrinho Rodrigues, Trio Ternura e Rosa Maria, hoje conhecida como "blues woman".

Em março de 1966 o cantor Agostinho dos Santos com que eu atuava no Rio 1800 convidou-me para acompanhá-lo no navio Rosa da Fonseca até Liverpool, na Inglaterra. Naquele ano o Brasil disputava mais uma Copa do Mundo de Futebol. Pois bem, como funcionário do Banco do Brasil, pedi licença sem vencimentos por três meses para enfrentar aquela empreitada. A licença me foi negada pelo então diretor do gabinete no qual trabalhava: Nestor Jost. Não contei até dez, sentei à máquina de escrever e redigi minha demissão do BB.

Na ida, tudo bem: nossa atuação era diária no luxuoso transatlântico e a boa expectativa de assistir um passeio brasileiro em gramados ingleses. Na volta, o cenário mudou: o Brasil derrotado e eu de volta à Praça Mauá. Menos mal que tinha roupas bonitas e muitos dólares no bolso. No entanto, não tinha nada definido



Primo Quinteto rumo ao México.

para recomeçar a dura batalha pelo pão nosso de cada dia. Assim sendo, lá fui eu para uma pensão da rua Cândido Mendes, na Glória.

As coisas começaram a acontecer. Na Musidisc gravei três álbuns do Primo Trio. Depois, na TV Globo participei da programação com a cantora Silvinha Teles em junho de 1965. O programa era o TV Fone, líder de audiência nas tardes de sábado. Tive uma grande experiência ao lado de Antonio Carlos Leite (bateria) e Manuel Gusmão (contrabaixo). Acompanhávamos todos os artistas que apresentavam naquele programa. Sobre o trio, aproveito a oportunidade para lembrar o seguinte: Rui Castro no seu livro de homenagem à bossa nova esqueceu de citar o Primo Trio existente no Brasil, somente antecedido pelo Zimbo Trio e o Bossa Três.

Em 1966 embarquei em outra canoa, desta vez o "Cabo São Roque", levando um quinteto formado Cláudio Rodite (piston), Antonio Carlos (bateria), Alcione (contrabaixo), Fernando Maxnuck (vibrafone) e eu no piano. Fizemos o chamado périplo americano.

Ao passarmos pelo México visitei Peri Ribeiro e sua mãe Dalva de Oliveira. O resultado foi o seguinte: um empresário nos viu atuar e gostou. Depois de terminar a viagem, já no Brasil, convidei Breno Sauer para trabalhar conosco. Voltamos ao México contratados para atuar no "El Camichin" no Hotel Alameda, na época palco das grandes atrações internacionais na capital mexicana. E no México gravamos dois LPs um com Peri Ribeiro e outro com o Primo Quinteto.

Resumindo: minha formação musical começou em Rio Grande (1945 até 1954).
Depois, Porto Alegre (1955 até 1960), Rio de Janeiro (1960 até 1967), México City (1967 e 1968), novamente Porto Alegre (junho de 1968 até 1972). A partir de 1972, cravei a bandeirinha em Brasília. Para iniciar a minha trajetória na capital brasileira contei com o apoio inestimável de Marcus Vinícius Pratini de Moraes, um amigo de todas as horas a quem respeito e admiro. Para quem não sabe, Pratini é também um bom tecladista e quando está disposto brinca como poucos com um acordeom. Ele fala a linguagem internacional da música, o que é ótimo.

A senhorita "X"

No final da década de 50 meu conjunto de Porto Alegre foi contratado por dez dias para atuar em dez cidades da Argentina no período carnavalesco. No dia marcado, estávamos todos na estação ferroviária, menos a cantora Jussara Souza que seria a nossa porta-bandeira.

E lá fomos nós. Quando chegamos em Uruguaiana, fui com baterista Carlos Calcagnoto, pai de Adriana, a Radio Cultura para conversar com o diretor Mário Papaleo. Precisávamos contratar uma cantora. Papaleo foi direto ao assunto: a única cantora disponível na cidade estava morando na zona do baixo meretrício.

Assim, lá fomos nós conversar com a Senhorita X. Tudo bem, tudo certo, tudo OK, mas só havia um pequeno problema: ela só poderia viajar com a autorização do pai. Pois é. E lá fomos, Calcagnoto e eu conversar com o pai da cantora. Nossa proposta de CR$ 50,00 foi aceita imediatamente e o trem ganhou mais uma passageira. Deu tudo certo. Ela cantava bem, muito bem. E como tempo é dinheiro, a Senhorita X dividiu o seu: a noite cantava e durante o dia fazia seus programas. De volta a Porto Alegre deixei-a no Hotel São Luiz, na Avenida Farrapos, recomendando que não saísse a noite. É claro que ela saiu. Menos mal que foi assistir ao programa do Maurício Sobrinho na Rádio Gaúcha e conseguiu cantar junto com Elis Regina que se apresentava lá. Resultado: foi contratada pela Gaúcha, trabalhou seis meses, foi para o Rio de Janeiro onde ficou dois anos e depois foi para Itália.

Passaram-se alguns anos e hoje a Senhorita X é a Condessa X e em seu palácio hospeda, algumas vezes, velhos amigos. A dupla Garrincha e Elza Soares viveu em seu palácio algum tempo. O nome dela? Como diria o grande Ibrahim Sued, "depois eu conto".

O baile da princesa

Em 1968 o maestro francês Aimée Barely, organizador da parte musical do Baile dos Reis na Riviera Francesa, contratou uma orquestra brasileira para atuar naquele famoso baile, juntamente com outras novelas internacionais. Eu era o pianista da orquestra brasileira. Foi feito um sorteio para ver qual delas abria o baile e nós fomos sorteados.

Enquanto tocávamos Aquarela do Brasil, a princesa Grace Kelly e o ator David Niven abriam o baile. Confesso que tremi ao lembrar que da Boite Veterana, em Rio Grande, até o principado de Mônaco fora uma longa caminhada.



Com o presidente Ronald Reagan no Brasil.

Presidentes reis e rainhas



Primo Tres de Brasilia com o presidente Fendando Henrique.

O primeiro presidente brasileiro para o qual toquei foi Getúlio Vargas, em 1950, no Cassino, em Rio Grande. Depois, na seqüência, vieram os presidentes João Goulart, Juscelino Kubitschek, Emílio Garrastazú Médici, João Batista Figueiredo, José Sarney, Fernando Collor, Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso. Amizade mesmo eu tive com os presidentes Médici e Figueiredo e tenho com Sarney e Collor. Entre as muitas personalidades para as quais toquei, lembro sempre do ex-presidente da Argentina, Carlos Ménem, com seu tipo caprichado de milongueiro portenho, a Rainha Silvia, da Suécia, finíssima e simpática, e o Rei da Espanha, Juán Carlos. Uma passagem marcante ficou registrada quando, em 1983, participei na Granja do Torto, em Brasília, de uma homenagem ao então presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan.

Comecei a tocar e cantar o tema do filme Casablanca - As Time Goes By - e Reagan começou também a cantar. Grande dueto. Tempos depois, em uma viagem a Washington fui visitá-lo. Desta vez não cantamos.

Cachorrinho...

Numa das estreladas noites de Brasília, fui contratado por um ministro para tocar numa recepção em sua residência oficial. A festa estava animadíssima. Foi então que a mulher do ministro, uma senhora de fino trato, pediu-me polidamente que tocasse Parabéns a Você para homenagear a aniversariante. Ao iniciar os acordes, para minha surpresa, a madame entrou na sala com uma cachorrinha chamada Lili em seu colo. Lili era a aniversariante. Foi a primeira e única vez na minha vida que toquei pra cachorro.

Fim de festa



Primo com os amigos Assis e Carmem Maria.

Nos Estados Unidos e na Europa se a festa estiver marcada para as 20h, ela começará no horário anunciado. Comida, bebida, batepapo e dança acontecem dentro das quatro horas regulamentares de qualquer festa. No Brasil, infelizmente, isso não acontece a não ser nas reuniões promovidas pelo Itamaraty, onde tudo funciona como manda o figurino.

Sem falar nos chatos de fim de festa que sempre pedem mais uma, de uns tempos para cá os músicos enfrentam o já conhecido coro do "Por que parou? Parou por que?"

Para completar o quadro, alguns profissionais desafinam na ética, bebem demais e esquecem do horário a ser cumprido. E se tiver um "trago" tocam até as sete da manhã. Felizmente, nos dias de hoje são uma minoria.

Não custa lembrar que a Ordem dos Músicos do Brasil exige ótimo comportamento de seus associados, tendo estabelecido um Código de Ética Profissional que é seguido pelos mais experientes. Em Brasília somos cinco mil músicos dos quais atuam junto a Presidência da República e ao Ministério das Relações Exteriores

não mais do que cinqüenta. Avez na minha vida que toquei pra cachorro. seleção é rigorosa e não admite falha.

Mesmo assim nem tudo é um mar de rosas, pois festas marcadas para começar às 20h só iniciam às 21h30min ou às 22h, sendo exigido dos músicos contratados que atuem por cinco horas. E mesmo sendo a capital federal conhecida como "A Ilha da Fantasia", "Capital do Poder" e por aí afora, algumas vezes o pagamento do trabalho realizado demora e vezes, como não chega a ser nenhuma surpresa, surgem os famosos cheques sem fundos, totalmente desafinados em relação aos procedimentos de pagamentos em um caixa bancário. Felizmente, esses desafinados são minoria.

No frigir dos ovos, aí estão 53 anos ininterruptos de música, 46 países visitados, 27 LP's e três CD's. Para estufar o peito mais de 20 condecorações. E lá vou eu resistindo aos axés, pagodes, sertanejos e outros xaropes. Como diria Mestre Pixinguinha, "vou vivendo" ou como já escutei algumas vezes, vou tocando a vida.



Epílogo: Primo morreu em Brasília no fim do ano que passou quando este livrete estava sendo impresso. Ficamos nós com este último bate-papo, a saudade e a harmonia de seus acordes.

Brasília, janeiro de 2002.

IMPRESSO

Fundação BIBLIOTECA NACIONAL
MINISTÉRIO DA CULTURA

SABD

ENTRE AMIGOS

informativo da Sociedade dos Amigos da Biblioteca Demonstrativa de Brasília - Março/2002

PRIMO ENTRE PARES, ...mas a TV não sabe.



Quando a Bahia perdeu Jorge Amado, foi inevitável pensar em Caymmi. Creio que não apenas eu, velho admirador do patriarca da música baiana, mas qualquer brasileiro que estivesse habituado a pensar Salvador como a casa imensa e generosa do homem que criou as mais belas canções praieiras de que se tem notícia. E pensamos todos em como seria a Bahia sem o velho Caymmi, conscientes e temerosos da fragilidade da vida humana nesta estranha Terra que nos é dado habitar.

Naquele momento, nós, de Brasília, não sabíamos que, antes dos baianos, teríamos que amargar a sensação da perda de um grande artista local. Pois a morte inesperada de Peixoto Primo, e sua drástica decisão de unir-se rapidamente a seu inseparável amigo Avena de Castro (sem ter, para isso, nossa permissão), levou-nos a antecipar-nos aos soteropolitanos na grave e dolorosa sensação de ficarmos órfãos de nosso músico maior. Pois todos os músicos de Brasília sabiam que Primo era o Juscelino da música candanga, aquele símbolo insubstituível dos sons que nós, que adotamos este Planalto imenso e generoso, sabemos ser capazes de produzir para o Brasil e para o mundo.

E, diga-se de passagem, Primo nunca reivindicou essa posição de pioneiro maior da música candanga. Pelo contrário, sempre foi um sujeito sisudo, reservado e pouco dado aos papos-furados que nós, músicos, tanto gostamos de praticar. Famoso pela vaidade e por essa sisudez, o velho Primo não dava trela para qualquer um e nem pretendia ser popular entre os colegas de som e sofrimento.

Comprovei isso quando o conheci em Porto Alegre, lá pelo fim da década de 50, talvez início dos 60. Era um festival de conjuntos da cidade de Porto Alegre, e Primo havia balançado as estruturas dos então conservadores ouvidos gaúchos com a criação de um revolucionário conjunto, chamado Flamingo. Extremamente inovador, o Flamingo impactou mais do que comoveu. Apesar de vivermos o período de transformação que nos trouxe a Bossa Nova, não fomos capazes de perceber imediatamente a revolução que a música de Peixoto Primo introduzia em nosso cenário. Porto Alegre aderia naquele instante a um sopro de modernidade na música popular que já se fazia notar em todo o mundo. E eu, que era então acordeonista, ouvi falar, pela primeira vez, nos sons de Art van Damme e nas novas versões sonoras que, a partir dessa época, passamos a chamar de conjunto melódico. Sons que vinham da Europa e de algumas vertentes do jazz americano, que Primo já dominava quando ainda engatinhávamos em seu aprendizado e percepção.

Na época, a expressão carrancuda e orgulhosa de Peixoto Primo fez-me nutrir por ele um misto de admiração e antipatia, sensação que me acompanhou por algumas décadas, mesmo quando, mais maduro, passei a sentir de perto sua marcante passagem pela música de Brasília. Especialmente na música de salão, Primo estava sempre lá. E sempre, sempre mesmo, o som maravilhoso de seus arranjos constrastava com o cenho fechado e inacessível que nunca me encorajou a abordá-lo para relembrar o memorável Festival de Conjuntos que compartilhamos no Cine Astor, em Porto Alegre, quando o Flamingo foi destaque absoluto, e os arranjos de Primo iniciaram um longo processo de mudança em minha cabeça musical. Mudança impulsionada, é verdade, pelo surgimento de Tom Jobim, de Luiz Eça e seu Tamba Trio, e por tudo o que fizeram Elis Regina e a geração dos gênios que ela ajudou a revelar (Chico, Caetano, Gil, Milton, Edu, Francis e companhia). Contudo, na base dessa revolução, estava o Flamingo e a música marcante, sensível e inovadora de Peixoto Primo.

Num lance de generosidade do destino, quis o acaso que eu me encontrasse com Primo na sala de nossa grande madrinha Conceição. Ele preparava-se para ministrar uma palestra para o grupo de senhoras da Biblioteca Demonstrativa, mas, responsável como era, chegou à BDB com grande antecedência. Vínhamos ambos de uma fase de problemas com a saúde e tive então a oportunidade de perceber o quanto de generosidade e solidariedade havia por detrás da carranca do velho Peixoto Primo. Já tenso e temeroso quanto à gravidade de sua doença, Primo era, paradoxalmente, uma fonte de novos projetos e grandes intenções. Além de afastar a antipatia de décadas, senti o quanto havia perdido por não ter convivido há mais tempo com essa figura admirável de nossa música, um mestre com extrema experiência artística, um jovem ansioso por muito ainda realizar e uma pessoa que me deixou perplexo pelo acesso fácil que permitia a esse mar de conhecimento e de sonoridades que representava, afinal, o resumo de sua vida. Aberto e com surpreendente simpatia, Primo proporcionou-me um longo e inesquecível papo-furado.

Creio que não foram mais de quarenta minutos de uma extremamente agradável remissiva, que recuperou décadas de afastamento. Lembramos o Flamingo, o Festival de Conjuntos, os primórdios da Bossa Nova e os primeiros passos da música em Brasília. Pouco depois, de chofre, a televisão trouxe-me a notícia de sua morte. Porque a televisão não sabe de nada, e ela acha que caras como Primo podem morrer. Como se não houvesse hoje e agora, em algum lugar do eterno, um conjunto maravilhoso em que Elis interpreta músicas de Vinícius e Lupicínio arranjadas por Peixoto Primo. Ele nos teclados, Eça no piano, Avena na cítara, Elis no vocal, Mestre André e Mestre Marçal na percussão. Até eu, que nada sei, tenho certeza de que esse conjunto existe! Mas a Globo, o SBT e a Bandeirantes não acreditam, por mais que eu insista.

Diga-me, amigo Primo: em face de tanta ignorância, o que me resta fazer, a não ser cantar, lembrar, sentir saudade e escrever páginas absurdas, tiradas de um velho baú de grandes recordações? Diga-me, mestre dos sons de Brasília! Diga...

Nestor Kirjner

João Antônio Peixoto
PRIMO
Experiência de Vida

Fls. 28

Músico há mais de 5 décadas, o maestro e pianista Primo nunca fez política, nem assumiu postos que o permitissem interferir na escolha ou veto de autoridades. Entretanto, pode ser considerado um dos principais responsáveis pela queda dos Ministros Zélia Cardoso de Mello e Bernardo Cabral, no Governo Collor. Foi Primo que executou o bolero *Besame Mucho*. "Deu no que deu", explica.

Há mais de 3 décadas residiu no DF e Primo foiconsiderado o músico oficial do governo federal. Tocou em inúmeras solenidades oficiais, principalmente do Itamarati. Sua história em Brasília começou em 1972, quando foi convidado para tocar no aniversário do presidente Emílio Garrastazu Médici. De lá pra cá, o maestro tocou, para Carlos Menem, Violeta Chamorro (ministra e escritora nicaragüense), a rainha Silvia, da Suécia, Lady Di e o príncipe Juan Carlos, da Espanha. Em 1983, foi à Granja do Torto participar de uma homenagem ao ex-presidente Ronald Reagan. "Comecei a tocar *As Time Goes By* (tema de Casablanca) e ele começou a cantar comigo". A partir daí, o músico iniciou uma amizade com Reagan, tendo, inclusive, viajado a convite para Washington para visitá-lo.

Famoso por tocar para os seis últimos presidentes do Brasil, Primo foi responsável pela trilha sonora de inúmeros momentos importantes da história brasileira. Entre eles, o banquete de despedida do presidente Médici, a posse do presidente Sarney e o bolero que derrubou os ministros Zélia e Bernardo Cabral.

Outras doces recordações também faziam parte do currículo e do coração do maestro, como, em 1967, no baile do Le Petit Blanc, organizado pelo Principado de Mônaco, quando sua orquestra "Copinha" abriu o baile com *Aquarela do Brasil*. Ao piano, Primo tremia, pois quem dançava a primeira música era nada menos que Grace Kelly e o ator David Niven.

Estréia no mundo da música. O ingresso de Primo no mundo da música aconteceu aos doze anos, quando estreou, tocando acordeão, em uma rádio do Rio Grande do Sul. Aprendeu a tocar com sua mãe. Do acordeão, passou para o piano, instrumento que o consagrou como instrumentista. Ao se mudar para a capital, no final da década de 50, formou uma banda, a Flamingo, que tinha crooner a então desconhecida Elis Regina. "Ela era muito novinha e bonita", lembrava.

As peripécias e os encontros com pessoas famosas estavam apenas iniciando. Desenvolto e bom pianista, fez muitas amizades, mas, por medo da instabilidade, virou funcionário do Banco do Brasil. Graças ao emprego, foi transferido para o Rio de Janeiro. Em 1966, convidado por Agostinho dos Santos, embarcou em um navio rumo a Londres. Ao todo, Primo tocou em 46 países, divulgando a música popular brasileira e construindo seu currículo de pianista e organista, que incluiu a gravação de mais de trinta discos e CDs gravados em todo mundo (México, EUA, Viena, França, Venezuela, Argentina, Alemanha, Espanha, etc). Primo também foi pianista e maestro de cerimônias dos Navios da Ybara S/A, de Bilbao, Espanha. Seu conjunto foi o único grupo brasileiro a atuar em Ushuais e todo sul argentino. Além de Reagan, Primo tocou para outros presidentes estrangeiros: François Miterrand (França) e ainda os presidentes do Zaire, do México, da Romênia, da Argentina, do Uruguai, do Peru, para o ministro Felipe Gonzales e para os seis últimos presidentes do Brasil.

Outra característica do músico foi o amor às viagens. Foi assim que dirigiu excursões à Terra do Fogo, Ilha Galápagos, Ilha da Páscoa, Miami, Jamica, Curaçao, Kingston, Barbados, Caracas, Trinidad Tobago, Bermudas, EUA e várias capitais brasileiras. Primo também foi diretor artístico da gravadora Musidisc do Rio.

Brasília de Primo. Com a irreverência de Paulinho da Viola, por exemplo, Primo incorporou a generosidade de sua música. Já aturou em bares, chatos, sensíveis, desesperados ou românticos e distribuiu sua arte sem exigir credenciais na cidade dos cargos e aparências. O poder desafinou. Primo nunca. Os governos saem do tom. Ele não. Esteve acima do bem e do mal e até daqueles que se achavam bons e maus. A Brasília do Primo teve madrugadas de choro, canção, sambas e jazz (paixão desenvolvida no tempo em que morou em Los Angeles). Brasília iluminada na parceria inesquecível com o saudoso Avena de Castro. Quando compunha era sob forte influência do blues. "Inveja" não ter feito o choro de Avena - "Exaltação a Jacó". Compositores da Brasília viva. Não só as madrugadas de tensão política, intrigas ou falcatruas. Seus arranjos sublimes demonstravam a cidade verdadeira que faz a verdadeira cidade e não a cidade dos conchavos. Primo acompanhou nossa história e tomou parte dela.

TT Catalão, cronista e escritor de Brasília, escreveu que "Primo é aquele que criou melodias entre frestas das esquadrias. O que tornou curvo, elegante e sincero o que era rígido, burocrático e reto. Não satisfeito, pôs música nas letras de concreto. Dos salões, dos bares, dos saraus, das rodas, dos espaços que a cidade oferece ao céu magnífico e monumental de luz". Foi casado com Adelaide, pai de cinco filhos, um deles, Alexandre, já segue a carreira do pai e integra o conjunto "Primo e Três de Brasília", tocando bateria juntamente com o saxofonista Queiroz.

O amor ao Rio Grande. Depois de tantos anos radicado na capital do poder, Primo nunca esqueceu sua terra natal: Rio Grande, a cidade mais antiga do Rio Grande do Sul, morou no coração do maestro, que já recebeu dezenas de condecorações, entre elas figuram a de Cidadão Honorário de Brasília, o Mérito Judiciário Militar, concedido pelo Superior Tribunal Militar; Grande Prêmio Lupicínio Rodrigues e muitos outros concedidos em várias capitais brasileiras. Dos presidentes do Brasil para quem tocou, Primo guardou os cartões de prata de agradecimento à sua música e muitas outras condecorações conferidas por órgãos públicos.

Sempre que podia, Primo ia tocar no Rio Grande. Em 2000, foi o convidado especial que tocou no Baile do Centenário Sport Club. Lá, Primo, o caçula de 9 irmãos, tinha amigos e duas irmãs, a advogada e maestrina Dinorah Primo de Carvalho e Enilda Primo Tremper. Essas amizades e o amor pelo Rio Grande que fizeram o músico voltar à terra natal. Nesse mesmo ano, fez várias apresentações em Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre. Sempre que ia ao Rio Grande do Sul, Primo tocava em Porto Alegre, em casas noturnas ou em casa de amigos particulares e de preferência no bar Se Acaso Você Chegasse, de propriedade de Lupicínio Rodrigues Júnior, filho do compositor e companheiro da noite, Lupi, testemunha de várias de suas composições.

O conjunto "Primo e Três de Brasília" era composto do Maestro Paulo Cruz, Chansonier "Baby", percussionista eletrônico - Alexandre Primo e, o titular do Grupo, aos teclados de última geração.

Primo se apresentou no Projeto Bibliomúsica da Biblioteca Demonstrativa de Brasília em outubro/2001.

Realizou uma apresentação MEMORÁVEL!

Adaptação do texto de Luzia Barcelos, Jornalista de Rio Grande

Preservando uma herança
PRIMO E TRÊS DE BRASÌLIA
continua em plena forma



fls 29 RP

Alexandre Primo, 29 anos de idade e 15 como baterista do grupo, é o filho caçula de Primo. O músico deixou 4 filhos: Rosemary, Guadalupe, Luciano e Alexandre e 4 netos. Alexandre nos conta que seu pai viveu intensamente sua vida musical, com a qual conseguiu, com muito sucesso, dar uma ótima educação e exemplo de vida aos filhos.

Conte algum fato interessante ou alguma história peculiar da vida de seu pai.

Um fato muito interessantena carreira do meu pai foi quando a presidência da República o contratou para tocar no almoço do então presidente Figueiredo, em homenagem ao também presidente Ronald Reagan, dos Estados Unidos, em visita a Brasília. Meu pai estava tocando quando, de repente, o presidente Reagan se levantou e , quebrando o protocolo, aproximou-se do meu pai, pegou o microfone e começou a cantar "*As Time Goes By*". Após ter cantado, cumprimentou meu pai e foi sentar-se. Este fato, para meu pai, foi o máximo, inesquecível.

O conjunto "Primo e Três de Brasília" marcou pela competência e profissionalismo. Você, como "herdeiro" do grande músico, pretende continuar seu trabalho? Como fica o grupo sem a presença marcante de seu pai?

É uma situação muito difícil, pois era meu pai quem fazia os contatos com os contratantes. Eu, como elemento do grupo, estou sentindo muita falta do trabalho após seu falecimento. Gostaria que a cidade soubesse que o grupo continua, agora sob minha direção. Sei que muita gente contratava para ter a presença de Primo, mas, como já citei, quero manter o grupo e tenho certeza que meu pai assim o desejava.

Como era o artista Primo como pai, que exemplo lhe deixou como profissional e como ele influenciou sua carreira musical?

Meu pai era uma pessoa muita querida onde quer que fosse. Pessoa muito carismática e responsável. Tive uma educação musical da melhor qualidade e sempre vinha aprendendo cada vez mais. Ele sempre se vestiu muito bem para suas apresentações e fazia questão de pontualidade. Assim exigia que os músicos que o acompanhavam fizessem o mesmo. Estes são alguns exemplos que ele me deixou como referência e assim pretendo segui-los com muita responsabilidade e me orgulho demais por ele ter feito a alegria de milhares de pessoas com o dom que Deus lhe deu e a força do nome que deixou por onde passou.

Em 2001, o grupo "Primo e Três de Brasília" se apresentou no Projeto Bibliomúsica. Como é para o músico tocar numa biblioteca?

É muito interessante pois, num lugar que só se "respira" cultura, nada mais gratificante que tocar num ambiente assim. Digo isso porque tocar é uma arte. As pessoas nos assistem com muita atenção, porque o ambiente assim o requer. É muito gratificante.

O PIOR ANALFABETO É O ANALFABETO POLÍTICO

Ele não ouve.
Não fala nem participa dos acontecimentos políticos. Ele não sabe que o custo de vida, o preço do feijão, do peixe, da farinha, do aluguel, do sapato e dos remédios dependem das decisões políticas.
O analfabeto político é tão burro que se orgulha e estufa o peito dizendo que odeia a política. Não sabe o imbecil que da sua ignorância política nasce a prostituição, o menor abandonado, o assaltante e o pior bandido, que é o político vigarista, os lalaus, os pilantras, os corruptos e locatos de algumas ápátridas empresas nacionais.

Bertold Breecht

A IMPORTÂNCIA DO VOTO

É comum ouvirmos: Não voto em partido voto em pessoas.
Vamos fazer uma pequena análise sobre esse tipo de voto.
1) O seu candidato(a) é uma pessoa honesta em quem você deposita toda sua confiança;
2) Em geral quem vota em pessoas não se interessa a qual partido elas são filiadas;
3) Portanto desconhece a filosofia do Partido nas decisões políticas;
4) Desconhece a influência do Partido nas decisões políticas;
5) Há voto de liderança, voto em que o Partido "fecha questão" (quantas vezes os políticos dizem, eu pessoalmente sou contra, mas tive que votar de acordo com meu partido), ou quando muito se abstem.
6) Há os políticos que mudam de partido e se filiam a outro totalmente diverso da sua maneira de pensar e agir.
Nós mulheres temos uma responsabilidade muito grande nas eleições pois já somos 54% do eleitorado.
Não pensem que estou dizendo que só (devemos votar em mulher), porém em escolhermos os candidatos conscientemente, sem levarmos em consideração, sexo, cor, convicções religiosas ou amizade.
Por favor NÃO VOTE EM BRANCO NEM ANULE SEU VOTO. Ele é muito valioso.
VAMOS REFLETIR SOBRE O ASSUNTO?

Aldemita Vaz
participa do Grupo de Atualização da Mulher na BDB

CONCURSOS

Leia Mais

Destinado aos jovens leitores da seção Infanto-Juvenil, que deverão fazer um comentário de cada livro lido. Serão concedidos prêmios para aquele que conseguir ler o maior número de livros, no valor de R$ 500,00 e para o melhor comentário, no valor de R$ 300,00.

Leia Mais Adulto

Destinado aos leitors da Biblioteca, segue o mesmo princípio do Leia Mais Infanto-Juvenil. O prêmio para o maior número de livros lidos é de R$ 1000,00 e para o melhor comentário, no valor de R$ 500,00.

XVI COLINJU

Concurso Literário Infanto-Juvenil

A Seção Infanto-Juvenil da Biblioteca promove o XVI COLINJU, na categoria POESIA, com o objetivo de estimular e valorizar a criação literária, abrangendo três faixas etárias: de 7 a 9 anos, de 10 a 12 anos e de 13 a 15 anos de idade.

O tema para este ano é "JK", em comemoração ao centenário de nascimento de Juscelino Kubitschek, e o prazo para entrega dos trabalhos encerra-se dia 20 de setembro. Serão concedidos prêmios nos valores de R$ 500,00; R$ 300,00 e R$ 150,00, para os três primeiros lugares de cada faixa etária.

Maiores informações e regulamento podem ser obtidos na Seção Infanto-Juvenil ou pelo telefone 443-2489.

Fundação BIBLIOTECA NACINAL
BIBLIOTECA DEMONSTRATIVA DE BRASÍLIA
SOCIEDADE DOS AMIGOS DA BIBLIOTECA DEMONSTRATIVA DE BRASÍLIA

Direção: Maria da Conceição Moreira Salles
Presidente da SABD: Mauro Mandelli

http://www.bdb.org.br

Fones: (61) 443-0852 / 443-5682
Fax: (61) 443-3163 / 443-9142
Av. W3 Sul - EQ 506/507 - Brasília - DF
CEP 70350-580

Editor: R. Jardim
Revisão Final: Aristóteles Ferraz
Arte-final: Bernadette Maria Strauss



viva a biblioteca viva



PROJETO BIBLIOMÚSICA 2002

No dia 10 de março de 2002, a Comissão de Seleção do Projeto Bibliomúsica, composta por: Mauro Mandelli (presidente da SABD e da Comissão), Nestor Kirjner, Ricardo Britto Rocha e Daniel Júnior, escolheu 9 músicos, entre 48 candidatos, a partir da análise das propostas e da audição de CDs e fitas gravados pelos artistas inscritos. Foram observados, para a seleção dos 9 indicados, os critérios didático e de preservação da música popular brasileira, que orientam o Projeto Bibliomúsica desde sua criação em 1995. Assim, a programação do Bibliomúsica para 2002, proposta pela Comissão é a seguinte:

Março: Homenagem a Peixoto Primo
Abril: Rênio Quintas
Maio: Pé de Vento - Quarteto de Flautas
Junho: Nelson Latif
Julho: Tex Quarteto
Agosto: Angêla Regina
Setembro: Quarteto Artesanal
Outubro: Toque de Salto
Novembro: Com Domínio do Sax
Dezembro: Manoel de Carvalho

As apresentações do Projeto Bibliomúsica acontecerão nas últimas segundas-feiras de cada mês, na Sala da Referência da Biblioteca Demonstrativa de Brasília, tendo o apoio da Fundação Biblioteca Nacional.

PROGRAMAÇÃO CULTURAL

Março/Abril de 2002

♦ **EXPOSIÇÃO DE ARTES PLÁSTICAS**

De 06 a 20/03 - Tony Lima, "Mulheres em Cores e Formas", pinturas a óleo.

De 21/03 a 03/04 - Homenagem ao Músico Peixoto Primo, fotografias e objetos do músico.

♦ **CURSOS, OFICINAS E PALESTRAS**

Curso de Redação

Ministrado pela professora Roberta no período de 02 de abril a 30 de maio, às 3ª e 5ª–feiras, das 14h às 16h. O valor da inscrição é de R$ 100,00 (cem reais) ou 2xR$50,00.

Palestra "Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil" proferida pela professora Maria Alice Junqueira de Almeida, no dia 6 de abril das 9h às 11h.

Curso de Português - Revisão de Gramática, Texto e Redação

Ministrado peo professor Aristóteles Ferraz, no período de 8 de abril a 24 de maio, de 2ª a 6ª feira, das 19h às 21h. O valor da inscrição é de R$ 100,00 (cem reais).

Oficina "O Prazer da Leitura", ministrada pelo prfessor Jacinto Guerra nos dias 10, 17 e 24 de abril das 19h às 22h. O valor das inscrições é de R$ 50,00 (cinquenta reais).

Curso "Vivenciando o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil na sala de Aula"

Ministrado pela professora Maria Alice Junqueira de Almeida, no período de 12 de abril a 5 de maio, às 6as feiras, das 8h30 às 11h30. O valor da inscrição é de R$ 120,00 (cento e vinte reais).

Oficina para Contadores de Histórias "Era Uma Vez..."

Ministrada pela professora Therezamaria, no período de 25 de abril a 3 de maio das 19h30 às 22h30.O valor da inscrição é de R$ 75,00 (setenta e cinco reais)

Os Cursos, Oficinas e Palestra terão lugar na Sala de Multiusos da Biblioteca e as inscrições poderão ser feitas no Setor de Promoção e Divulgação Cultural, das 8h às 18h. Maiores informações pelo telefone 244-3015.

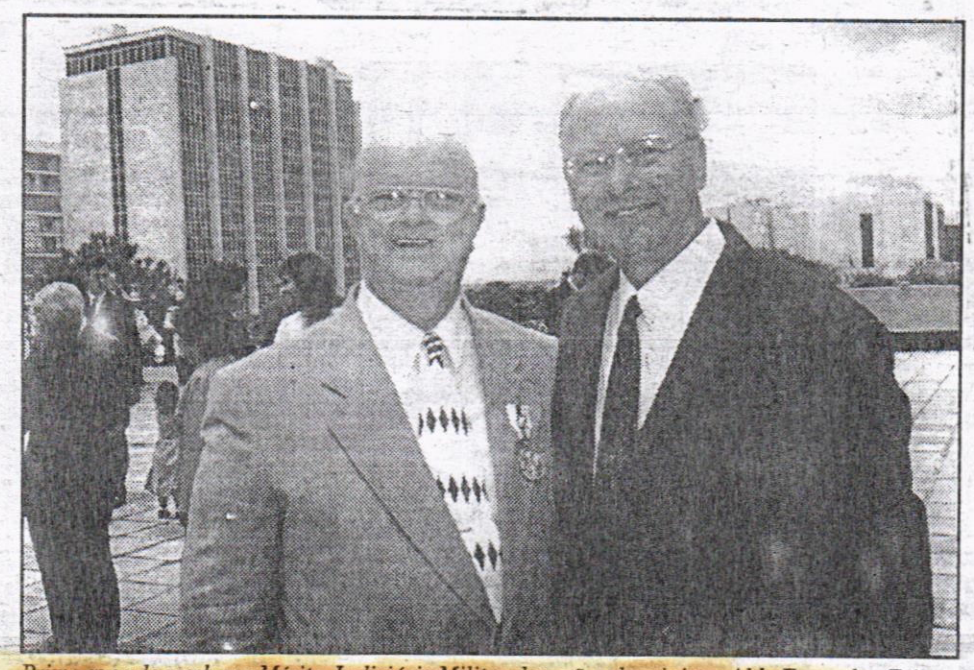
http://www.bdb.org.br

Entre no site da Biblioteca Demonstrativa de Brasília e conheça todos os serviços e atividades oferecidas.

Navegue no Cadastro dos Escritores de Brasília, conheça cada um, sua vida e sua obra.

Entre, também, no Balcão de Informação Utilitária e tire suas dúvidas sobre como tirar carteira de identidade e de motorista, CPF etc. Obtenha informações sobre teatros, bibliotecas, cinemas de Brasília e qualquer outro informe que lhe possa ser útil no dia-a-dia.

Jô Soares entrevista João Peixoto Primo



Primo quando recebeu o Mérito Judiciário Militar das mãos do ministro Aldo Fagundes. Foi a 19ª Condecoração do Rio-Grandino

O maestro rio-grandino João Peixoto Primo, há muitos anos radicado em Brasília e que consagrou-se como músico exponencial do Palácio da Presidência da República, estará participando nesta segunda-feira, do programa "Jô Soares Onze e Meia", o mais prestigiado "talk-show" da TV brasileira, promovido pela SBT, canal 5.

João Peixoto Primo, que já completou seu jubileu de ouro na vida artística, radicou-se na capital federal em 1972, depois de deixar Rio Grande, onde deu seus primeiros passos no mundo da música formando a orquestra "Primo e seu Conjunto Melódico". De Rio Grande, Peixoto Primo viajou para Porto Alegre para integrar o Conjunto Regional da Rádio Farroupilha, onde lançou, entre outros cantores brasileiros, a saudosa Elis Regina.

Da capital do Estado, Primo, já com respaldo de conhecimento e respeitando seus dotes artísticos, decidiu buscar novos caminhos e jogou-se à aventura de tocar em navios de cruzeiro como Ana Nery, Cabo São Roque, Eugenio C e outros, ganhando experiência e oportunidade de visitar países do Velho Continente, além dos Estados Unidos, colhendo peculiaridades da música em cada um deles, que lhe valeram posteriormente convite para tocar no Palácio do Planalto.

A primeira apresentação foi o suficiente para torná-lo parte indispensável das festas palacianas, passando por vários presidentes e convidados especiais como Ronald Reagan, Carlos Menem e outras personalidades internacionais que visitaram e visitam o Brasil.

A capacidade de interpretação ao piano do músico rio-grandino valeu-lhe também uma série de condecorações oficiais que dignificam o homem e o profissional e, indiretamente, a cidade de Rio Grande, que se orgulha de ter como filho, entre tantos músicos que se destacaram no mundo artístico, o maestro João Peixoto Primo que se tornou embaixador rio-grandino, divulgando em qualquer oportunidade a sua "Noiva do Mar".

O famoso programa "Jô Soares Onze e Meia" será, portanto, mais uma dessas oportunidades para Peixoto Primo mostrar ao Brasil a sua história e sua capacidade de interpretação musical.

Homenagem em 5ª feira 04/12/1997

997 ZERO HORA

CARLOS RODRIGUES/ZH



Homenagem a Primo

O pianista gaúcho João Peixoto Primo (D), radicado em Brasília, recebeu ontem, na Câmara Municipal de Porto Alegre, o prêmio Lupicínio Rodrigues, em homenagem aos seus 50 anos de atividade artística. Considerado o lançador de Elis Regina, que atuava como crooner no seu conjunto Flamingo, Primo foi um dos grandes animadores da Rádio Farroupilha nos anos 50 e 60. O prêmio foi sugerido pelo vereador Jocelin Azambuja. Na mesma sessão, foi concedido o título de cidadão honorífico ao empresário João Gera Costa e ao publicitário Luiz Gerd Pasqualini.

fls. 32



PRÊMIO LUPISCÍNIO RODRIGUES - CÂMARA VEREADORES DE PORTO ALEGRE - 1997

F/S. 033

COMENDA PARA JESUS

Comenda da Ordem de Silva Paes para personalidades marcantes de nossa cidade inclui Jesus. Indubitavelmente a sociedade rio-grandina sente-se gratificada por este acertado e devido reconhecimento. JESUS ARCHANJO LUZ (o nome diz tudo) uma legenda em Rio Grande (e isto é unanimidade), exemplo de cidadão, exemplo de servidor público; exemplo de dignidade, exemplo de amor ao próximo; verticalidade de caráter, de bondade, enfim, um homem bom no sentido lato da palavra. As personalidades agraciadas com a Comenda neste 265° aniversário do Rio Grande verdadeiramente dignificam nossa cidade. Que bela nominata:

Apody dos Reis, Rubens Emil Corrêa, Carlos Rodolfo Brandão Hartmann, Sérgio Renato Tejada Garcia, Edes da Silva Cunha e Henrique José Leal Santos Vieira da Fonseca. No grau de Oficial, Antônio Augusto Medeiros e Albuquerque e Fuad Abdala Nader. No grau de Cavaleiro: João Antônio Peixoto Primo (Post Mortem), Irmã Nair Mazzochin, Ênio Duarte Fernandez, Jesus Archanjo Luz, Luiz Carlos Magalhães, Argemiro Carvalho, Luiz César França e Alcides Souza Franco.



JESUS ARCHANJO LUZ, UM DOS AGRACIADOS COM A COMENDA DA ORDEM DE SILVA PAES

MATRÍCULAS ABERTAS:

Maestro ganha título de cidadão honorário

Davi Zocoli



O MÚSICO João Primo

Músico há 52 anos, 25 desses passados no Distrito Federal, João Antônio Peixoto Primo recebeu ontem o título de Cidadão Honorário de Brasília, concedido pela Câmara Legislativa, a 20ª condecoração da sua carreira. Famoso por tocar para quase todos os presidentes do País, o maestro Primo se responsabilizou pela trilha sonora de inúmeros momentos importantes da nossa história.

Entre eles, o banquete de despedida do presidente Medici, a posse do presidente Sarney, e o bolero que derrubou os ministros Bernardo Cabral e Zélia Cardoso de Melo são alguns dos mais marcantes. "A Zélia tirou o meu dinheiro e eu me vinguei tocando o *Besame Mucho*, que evidenciou o romance entre eles", brinca o maestro. "E o mais curioso é que toquei a pedido da própria Zélia", completa. Até chegar à festa de aniversário da ministra no Clube das Nações, porém, Primo percorreu um longo caminho.

Estréia

O ingresso no mundo da música aconteceu aos doze anos, quando estreou, tocando acordeão, em uma rádio da sua cidade natal, Rio Grande, no litoral do Rio Grande do Sul. Do acordeão, Primo passou para o piano, instrumento que acabou o consagrando como instrumentista. Ao todo, o maestro tocou em 46 países, divulgando a música popular brasileira e construindo o seu currículo.

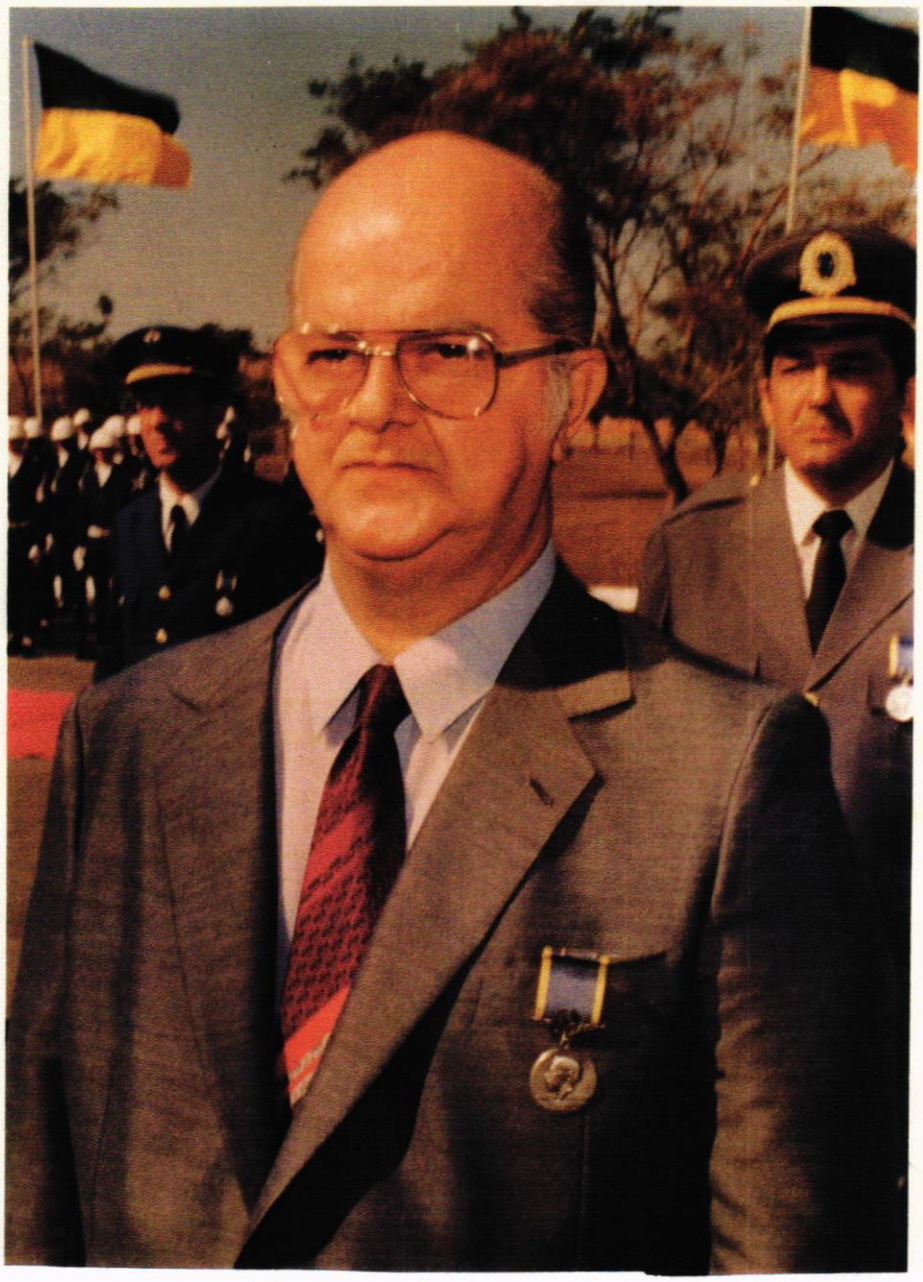
Em 1967, Primo protagonizou uma das histórias que mais o emocionou na carreira. Como integrante da orquestra do flautista Copinha, o maestro tocou na Riviera Francesa, no baile "Berços Dourados", uma das festas de gala mais tradicionais da Europa. "Eu tremia feito uma criancinha", relembra. A emoção não era apenas por tocar na festa, mas por assistir a pista de dança ser aberta por ninguém menos do que a princesa Grace Kelly, acompanhada pelo ator David Niven.

Em Brasília, ele chegou a ser convidado a tocar na festa de aniversário do presidente Medici, em dezembro de 1972. O sucesso foi tão grande que Primo acabou mudando-se para a cidade com toda a família. "Eu já estava cansado de Porto Alegre, então recolhi as malas, o papagaio e a família e vim para Brasília". Em pouco tempo, ele conquistou o coração e ouvidos do presidente e tornou-se o maestro oficial do governo. Tocava em festas, solenidades, posses, tudo que requeresse uma boa música.

Depois de tantos anos, Primo se diz agradecido com a condecoração. "É uma gratificação muito grande, pois considero Brasília a cidade do meu coração. Casado, pai de quatro filhos — um deles já seguindo a carreira do pai — Primo conta no currículo com 27 discos gravados, três cds e, ainda este ano, estará lançando um livro. Festa Acabada, Músicos a Pé irá reunir os 52 anos de carreira do maestro, descrevendo a luta do músico desde o início da carreira até os dias de hoje.

PAOLA LIMA
Repórter do Jornal de Brasília

fls. 36



MEDALHA MÉRITO "SANTOS DUMONT"
MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA
CONFERIDA PELO BRIGADEIRO
DELIO JARDIM DE MATOS - A84
BRASÍLIA - DF

H5.37 RJ

Primo: um gaúcho faz música em Brasília

ZERO HORA 13/10/87
Reagan em 1981

Poucos conhecem um cidadão chamado João Peixoto, mas quando se fala de Primo, todos os que viveram os anos 50 e 60 em Porto Alegre imediatamente associarão a idéia ao líder de um dos mais populares grupos musicais da época: Primo e seu Conjunto. Aos 54 anos, mais de metade dedicados á música, Primo hoje atua em Brasília, onde está desde 1972. Ele esteve presente ás inaugurações das TVs Piratini, Gaúcha e Difusora. Mas começou bem antes, acompanhando os cantores nos programas de auditório da Rádio Gaúcha. Lembrança maior: acompanhar a estrelinha Elis Regina, no início de sua carreira. E bailes, muitos bailes, pelos salões de Porto Alegre.

De lá para cá, Primo lançou nada menos do que 25 LPs com música dançante e está para sair mais um, pela gravadora 3M. Embora se confesse saudoso do Rio Grande do Sul, especialmente de sua cidade natal, Rio Grande (onde costuma passar todos os janeiros), ele não deixa de considerar que está definitivamente estabelecido em Brasília, a cidade que o acolheu e onde desenvolve seu trabalho em duas frentes: de dia, funcionário do Ministério da Indústria e Comércio. E de noite? Ora, de noite Primo faz valer sua experiência de pianista e líder de grupo, atuando sempre no restaurante do aeroporto internacional de Brasília e em grandes eventos sociais ligados ao Governo.

Seja da Nova República ou da anterior, Primo tem fotos para mostrar. Como aquela em que aparece ao lado do presidente Reagan, na Granja do Torto, em 81. Essa atuação valeu um convite para apresentar-se na Casa Branca, numa festa em benefício das entidades assistenciais dirigidas por Nancy Reagan. Por essas e outras, Primo tem recebido condecorações, como a Ordem do Mérito Santos Dumont, a Ordem do Mérito Rio Branco (do Itamaraty) e o Mérito Ministério do Trabalho, do TST. Mas ele diz que a chave de tudo é a música: "Tocamos sucessos internacionais de todas as épocas e acompanhamos a evolução da música. A última novidade do grupo é meu filho Alexandre, de 14 anos, que opera um computador de ritmos". "Sou brasiliense honorário mas gaúcho de naturalidade e coração", diz Primo.



Com Reagan, em 81



Primo, um músico condecorado

Mérito para Primo



O nosso organista João Antônio Peixoto Primo não esconde sua satisfação por ter recebido o "Mérito Santos Dumont". Na foto, ele e sua senhora Adelaide ladeiam o ministro da Aeronáutica, Délio Jardim de Mattos

MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA

Medalha "Mérito Santos-Dumont"

Decreto nº 66.815, de 30 de junho de 1970

15.38

DIPLOMA

O Ministro de Estado da Aeronáutica resolve conferir o presente diploma ao Senhor João Antônio Peixoto Primo tendo em vista a Portaria de 15 de junho de 1984, que lhe concedeu a medalha "Mérito Santos-Dumont", por destacados serviços prestados à Aeronáutica Brasileira.

Brasília, 15 de junho de 1984
163º da Independência e 96º da República.

Délio Jardim de Mattos
Ministro da Aeronáutica

Semyr/80

A vida tocada *de ouvido*

Responsável pelo escandaloso *Besame Mucho* do governo Collor, Primo chega aos 54 anos de profissão tendo tocado para Getúlio Vargas, Grace Kelly, Carlos Menem e Lady Di

Danielle Romani
de Brasília

O pianista gaúcho João Antônio Peixoto Primo nunca fez política, nem assumiu postos que o permitissem interferir na escolha ou veto de autoridades. Mas pode ser considerado um dos principais responsáveis pela queda dos ministros Zélia Cardoso de Mello e Bernardo Cabral, no governo Fernando Collor de Mello. Afinal, foi este pianista quem executou o bolero *Besame Mucho*, que denunciaria ao mundo o *affair* entre os então titulares da pastas da Economia e Justiça, e que meses depois renunciariam aos cargos.

"Realmente, derrubei os dois ministros", brinca Primo, lembrando o dia, o local e as circunstâncias do pedido. "Era aniversário da Zélia, e a festa foi no Clube das Nações. Em um determinado momento, ela chegou e pediu: toca *Besame Mucho*. Deu no que deu. Foi bom porque me vinguei, pois ela levou todo meu dinheiro da poupança", conta o artista.

Com 54 anos de profissão e aposentado do serviço público, hoje, Primo se apresenta de terça a domingo no restaurante Albatroz, no Aeroporto de Brasília. Mas, desde que começou a tocar instrumentos "de ouvido", na cidade de Rio Grande, o gaúcho recolheu histórias interessantes, e chegou a conhecer 46 países, em viagens feitas como pianista de transatlânticos. "Aprendi a tocar com minha mãe", diz.

Conversador, boa praça, este profissional lembra que antes mesmo de chegar a Porto Alegre teve chance de tocar para o presidente Getúlio Vargas. Ao se mudar para a capital, no final da década de 50, formou uma banda, a *Flamingo*, que tinha como crooner a então desconhecida Elis Regina. "Ela era muito novinha e bonita", lembra, mostrando fotos da época que comprovam ter sido patrão de Elis.

As peripécias e os encontros com pessoas famosas estavam apenas iniciando. Desenvolto e bom pianista, fez muitas amizades, mas por medo da instabilidade virou funcionário do Banco do Brasil. Graças ao emprego, foi transferido para o Rio de Janeiro. Em 1966, convidado por Agostinho dos Santos, embarcou em um navio rumo a Londres. E em 1967, esteve na Riviera Francesa, no baile do *Le Petit Blanc*, organizado pelo principado de Mônaco, reunindo toda monarquia européia. "A orquestra brasileira abriu o baile, e toquei *Aquarela do Brasil*. Quem dançou a primeira música foi a princesa Grace Kelly e o ator David Nieven".

Depois de muitas andanças, foi convidado para vir a Brasília tocar no aniversário do presidente Garrastazu Médici, em 1972. "Deveria ficar uma semana, mas os amigos me convenceram que era um lugar excelente, gostei e voltei para Porto Alegre para pegar a família", explica o artista, casado com Adelaide e pai de quatro filhos.

Em Brasília, tornou-se músico oficial do governo federal, e fazia apresentações em todas as solenidades oficiais, principalmente as do Itamaraty, onde se deparava constantemente com celebridades.

"Toquei para Carlos Menem, Violeta Chamarro (ministra e escritora nicaraguense), a Rainha Silvia da Suécia, Lady Di e o príncipe Juan Carlos da Espanha", recorda. Em 1983, foi à Granja do Torto participar de uma homenagem ao ex-presidente Ronald Reagan. "Comecei a tocar *As Time Goes By* (tema do filme Casablanca) e ele começou a cantar comigo. Iniciamos uma amizade, e cheguei a viajar a Washington para visitá-lo", diz Primo, que prepara um livro autobiográfico, a ser lançado possivelmente em março. "Vai se chamar *Festa Acabada, Músicos a Pé*".



Primo: 46 países visitados até hoje, por conta do piano

ONDE OUVIR PRIMO

O artista se apresenta de terça a sábado, das 17 às 20 horas, sozinho. Aos domingos, das 12 às 16 horas, com o filho Alexandre (baterista) e Queiroz (saxofonista). O restaurante Albatroz fica no Aeroporto Internacional de Brasília

PEIXOTO PRIMO

a música na letra de concreto

fls 40

"Casamento que eu não toco, não dá certo!". Esse é o Primo, um brasiliense nascido na cidade do Rio Grande. Chegou em outubro de 1972 e aqui construiu parte dos seus 50 anos de música. Tocou para todos os presidentes do Brasil, desde Getúlio Vargas, em 50. *Se o país não deu tão certo assim, não foi por falta de Primo*. Ele é mestre em abençoar solenidades. Começou no acordeon. Em 1966 deixou um emprego de bancário para pegar o navio *Rosa da Fonseca* e acompanhar *Agostinho dos Santos* com a torcida brasileira para a copa do mundo em Londres. Vexame nos gramados, decisão na cabeça: hora de levar a carreira a sério. Do acordeon ao piano, ganhou mundo em mais de 40 países. Daí uma sucessão de inúmeros discos gravados, arranjos de marca própria, dezenas de composições e só três gravadas. Relança este mês o clássico *Primo3 em Brasília*. Em 1967, na orquestra do legendário flautista Copinha, ele abre um baile de gala na Europa com *Aquarela do Brasil*, na pista, a princesa Grace Kelly e David Niven. Porém, a única cabeça coroada que interessa ao Primo é a constelação dos incansáveis músicos brasileiros. Tem a reverência de *Paulinho da Viola*, por exemplo. Primo incorpora a generosidade de sua música. Atura bares, anônimos, chatos, sensíveis, desesperados ou românticos e distribui sua arte sem exigir credenciais na cidade dos cargos e aparências. O poder pode desafinar. Primo nunca. Os governos que saiam do tom. Ele não. Está acima do bem, do mal e até dos que se acham bons ou maus. A Brasília do Primo tem madrugadas de choro, canção, sambas e jazz (paixão desenvolvida no tempo em que morou em Los Angeles). Brasília iluminada na parceria inesquecível com o saudoso *Avena de Castro*. Quando compõe é sob forte influência do *blues*. "Inveja" não ter feito o choro de Avena, *"Exaltação a Jacó"*. Compositores dessa Brasília viva. Não só essas madrugadas de

f/s 41

tensão política, intrigas ou falcatruas. Seus arranjos sublimes, demonstram a cidade verdadeira que faz a verdadeira cidade, e não a cidade dos conchavos. Primo acompanha nossa história enquanto se toma parte dela. Aquele que criou melodias entre as frestas das esquadrias. O que tornou curvo, elegante e sincero o que era rígido, burocrático e reto, não satisfeito pôs música nas letras de concreto. Dos salões, dos bares, dos saraus, das rodas, dos espaços que a cidade oferece ao céu magnífico e monumental de luz (na verdade o céu é o grande escândalo de Brasília). Primo não se ilude com as cerimônias e desabafa: "*festa acabada, músico a pé*". Título do seu próximo CD.

TT Catalão



Primo *(à esq.)*, o tecladista gaúcho que tocou para príncipes e presidentes: onze condecorações

Cantores da corte

O seleto grupo que anima as festas das autoridades

Ao cantar no aniversário da ex-ministra Zélia Cardoso de Mello, dia 19 de setembro do ano passado, o piauiense Wilson Maia, 39 anos, tornou-se o mais famoso integrante do fechadíssimo grupo dos cantadores da corte brasiliense. Além de talentosos, esses profissionais do entretenimento têm de ter o dom da discrição, ser bem informados, possuir amplo repertório e cantar em vários idiomas. O bolero que Wilson Maia cantou já na madrugada do dia 20 e foi dançado pelo então par de namorados e ministros Zélia e Bernardo Cabral foi *Solamente Una Vez* — que não vai se inscrever na memória popular porque o *Besame Mucho* incorporou-se definitivamente à antologia dos amores da corte. Quanto mais se noticiava e esquentava o affair ministerial mais crescia a cotação de Maia como cantor das noites românticas da capital federal. Quando Zélia e Cabral caíram, Maia subiu na fama e no cachê, garantindo uma agenda cheia até meados do ano que vem. Hoje, o cantor não se apresenta por menos de 60 000 cruzeiros por hora de apresentação. "Ter Maia nas festas é garantir o sucesso", diz Elenita Faria, dona de uma bela casa no Lago Sul, um espaço alugado para grandes recepções, casamentos e festas que ela mesma promove. Como a memória do povo é curta e a fama imprescindível no seu tipo de negócio, Maia não se esquece de lembrar o público, ao microfone, que vai cantar "a música que despertou fortes emoções em dois ministros". Por causa de Maia, *Besame Mucho* e *Solamente Una Vez* ficaram em cartaz quase um ano na capital brasileira.

Nos 31 anos da história de Brasília, o número de cantores e músicos que atravessaram os portões palacianos para alegrar as festas do poder é muito baixo, apesar de o espaço ser bastante disputado. Quem afirma é o tecladista João Antônio Peixoto Primo, o único músico brasileiro que, do governo Medici para cá, tocou para gente importante em todos os mandatos presidenciais. Isso sem contar com as serestas em casa de ministros, os churrascos musicais na Granja do Torto e até o aniversário de Lily, a cachorrinha da esposa de uma figura do governo que Primo, embora indignado, não quer revelar "para não ter problema". Quem estava por perto, naquele dia, garante: "Primo foi traído. Pediram para ele tocar o *Parabéns a Você* e de repente entrou, sob os aplausos das senhoras presentes, Lily".



FOTOS SERGIO SEIFFERT

Maia: bolero para Zélia e Cabral

PRIMO VIVEU EM 46 PAÍSES, gravou 25 LPs, tocou em 1967 no Baile dos Reis, na Riviera Francesa, para os príncipes Rainier e Grace Kelly. Gaúcho de Rio Grande, fez amizades dentro do poder. Acompanha o ministro Magri em algumas festas, quando ele solta o seu lado musical cantando *Rancho Fundo*. Com mais de 35 anos de profissão, o cantor da corte não consegue, porém, se aposentar. "Os comprovantes do INSS sumiram", conta. "E eu não uso as pessoas que conheço no primeiro escalão para solucionar o caso", afirma. Esse comportamento, segundo Primo, garantiu a entrada, no círculo dos cantores e instrumentistas da corte, de Ana Donizete, goiana de Formosa e uma espécie de Frank Sinatra de saias. Dulce Figueiredo, a mais festeira das primeiras-damas, foi sua "madrinha". Encantada com Ana, que cantou sua música predileta, *New York, New York*, perguntou: "Minha filha, o que posso fazer por você?". Ao que Ana respondeu: "Ajude a me tornar uma boa cantora". Primo garante que naquele momento Ana se firmou como uma cantora da corte.

Apesar de o cachê cobrado por esses seletos artistas ser praticamente o do mercado, existem satisfações e consagrações que só eles usufruem. "Nunca vou esquecer o dia em que cantei na embaixada britânica, em comemoração ao casamento dos príncipes Charles e Diana, para uma platéia de gente importante", revela Ana. "Nem a alegria de ver dona Dulce, com seus amigos, bailando na Granja do Torto enquanto eu cantava *Blue Moon*." O tecladista Primo, por sua vez, recebeu uma carta do presidente americano Ronald Reagan, para quem havia cantado, e não se esquece da noite em que, no Itamaraty, tocou mais de quarenta tangos na recepção que o presidente Collor ofereceu ao colega argentino, quando de sua primeira visita ao Brasil.

Cantar para o poder, em Brasília, muitas vezes representa a abertura de portas estaduais e municipais em festas e solenidades. Um filão hoje bem explorado pelo catarinense Moacir Maciel em Brasília, desde 1958. Ele chegou aos microfones do poder via João Figueiredo, quando o ex-presidente era candidato. "Na época, eu cantava no restaurante do Hotel Aracoara, onde o general almoçava", conta Maciel. "Um dia, ao me atrasar, fui chamado a seu pedido — 'O homem não almoça enquanto você não chegar', me disse o mensageiro", lembra Maciel, que desde então vem cantando com sucesso. Moacir Maciel é a voz masculina predileta da corte. "O melhor cantor de Brasília", declara o ministro Magri. Da direita à esquerda, o cantor coleciona vários fãs — Delfim Netto, Alceni Guerra e Roberto Freire — esse último, um "entendido" que costuma cantar músicas românticas num dos bares da cidade. O senador Júlio Campos revela que leva os filhos à Pizza no Square porque, além do prato, eles gostam de ouvir Maciel cantar músicas dos Beatles.



Ana: Frank Sinatra de saias

Fernando Collor é o presidente que menos tem chamado os cantores da corte. Mas nem por isso ficou em baixa o prestígio do grupo, cujos membros garantem que se apresentam profissionalmente e jamais levaram um cano no pagamento. "Um espaço como esse vale mais que muitos LPs gravados", comenta Ana Donizete, que acaba de receber convite de um diplomata europeu para se apresentar no Velho Mundo.

M. GALEAZZI

EM FOCO

A os cinco de idade ele era um "virtuose" do acordeon e tocava na Rádio Cultura Riograndina. A primeira experiência como profissional aconteceu mais tarde, aos 11 anos, num baile, e recebeu 50 "merréis", que lhe valeram uma roupa nova. Depois, João A. Peixoto veio morar em Porto Alegre, criou vários conjuntos e viajou por todo o mundo. Nos últimos 12 anos radicado em Brasília, ele formou o Primo Três de Brasília, conjunto especializado em música ambiental para grandes eventos, apresentando-se em acontecimentos políticos da vida do País. Este ano, João Antonio está completando 40 anos de música e se prepara para animar a posse do presidente Tancredo Neves.

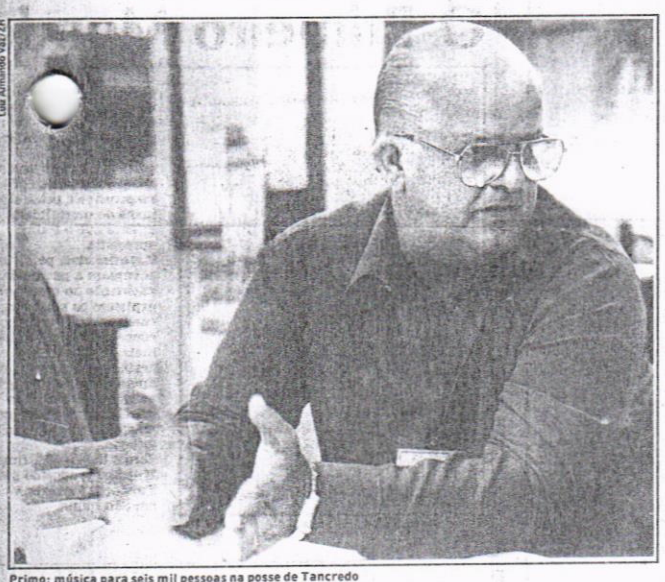
A música palaciana de Primo

Por JUSSARA PORTO
Editoria 2º Caderno/ZH

Em 1969, voltando de Los Angeles direto para Porto Alegre, Primo conheceu o então ministro da Indústria e Comércio, Pratini de Moraes, na estância do amigo de infância Cláudio Strassburger. Logo veio o convite para trabalhar como assessor de Relações Públicas deste ministério e ele se transferiu para a cidade que adotou como sua. Em Brasília, ele formou o Primo Três de Brasília e, ao lado de Cleide Magalhães (que canta em oito idiomas) e o baixista Galo (que canta em quatro diomas), especializou-se em música ambiental para grandes eventos. Conviver com importantes personalidades da política brasileira e do exterior passou a fazer parte da vida de Primo, que paralelamente manteve suas funções no Ministério.

— Esta atividade teve início no governo Médici e agora já recebi o convite para cuidar da festa da posse de Tancredo Neves. Vou fazer seis mil pessoas dançar no Itamarati neste dia.

Nestes anos todos em Brasília, onde são geradas todas as grandes decisões do país, Primo aprendeu a separar a música da política. Suas posições políticas ele as mantêm independentes de seu trabalho como músico. "Tenho que cuidar muito do repertório para não ferir suscetibilidades, pois trabalho com autoridades, e em várias embaixadas, tanto orientais como ocidentais, costumo tocar todos os ritmos possíveis, em todos os idiomas e faço isso com muito carinho. Muitas autoridades já dançaram ao som do meu conjunto. O ministro Cloraldino Severo até hoje brinca comigo e diz que casou com sua esposa, Silvia, ao som do meu conjunto."


Luiz Armando Vaz/ZH

Primo: música para seis mil pessoas na posse de Tancredo

Grêmio

Durante o governo Médici, que gostava dos mais variados tipos de música, as festas no Palácio da Alvorada eram fáceis de serem produzidas. Mas onde chegava o presidente, antes de mais nada Primo tinha que tocar o Hino do Grêmio, embora fosse colorado.

Já no governo Geisel, maior apreciador de música clássica, não houve muitas recepções no Palácio. Ao longo de todos esses anos, Primo vem desenvolvendo uma maneira especial de homenagear individualmente cada um de seus fãs. "Quando a pessoa entra no local onde estou me apresentando, logo passo a tocar a sua música, ou seja, aquela que ela mais gosta".

Assim, Primo sabe que a música preferida do presidente Figueiredo é **El Dia en Que me Quieras** e que seu gênero preferido é o tango. O ministro Danilo Venturini prefere as músicas portuguesas; o ministro Rubem Ludwig, as francesas; dona Dulce Figueiredo, **Blue Moon**; dona Léa Leal, presidente da LBA, **New York, New York**; a esposa do ministro Délio Jardim de Mattos, dona Ruth, **Memory**. "O músico que se preza, diz ele, e faz sua profissão com amor, se adapta, procura agradar a seu público, independente dos partidos políticos, dos times de futebol, das religiões ou dos preconceitos raciais".

Serestas

Seguindo essa convicção, Primo já está preparando o repertório da festa de posse de Tancredo Neves.

— Sou muito amigo de Tancredo Neves e sei que ele prefere música clássica e as serestas de Diamantina, que se caracterizam por serem românticas e meio nostálgicas, especiais para noites de lua. Vou ter que preparar um vasto repertório em homenagem a ele. Agora, no dia da posse, uma das músicas que vou tocar será **Peixe Vivo**. Isso porque sei que Tancredo gosta, embora o atual governo não goste muito dela, porque era a preferida de JK.

Ao todo, Primo já recebeu 11 condecorações do governo brasileiro, por todos esses anos como funcionário do Ministério da Indústria e Comércio e como músico. Em Brasília, onde mora com a esposa Adelaide Orisóstemo e os quatro filhos, ele é membro atuante da Ordem dos Músicos do Brasil e integra a direção do Sindicato dos Músicos. De suas recordações mais marcantes ele lembra ainda da visita do Rei Juan Carlos da Espanha e da Rainha Sofia. "Quando terminei de tocar **Rapsódia Sueca** ela quebrou o protocolo e veio beijar minha mão. Na verdade, deveria ser o contrário e isso abalou minhas estruturas". Ele recorda também a visita do presidente Reagan ao Brasil." Ele é simpaticíssimo, cantou comigo **I Never Know**, e ainda me fez uma proposta para tocar nas festas benemerentes de sua esposa". Mas a convivência com os poderosos não afetou o estilo de Primo. " Não sou elitista, toco com tanto prazer no Palácio como num bailão e me sinto à vontade nos dois. Agora mesmo, nesta minha passada em Porto Alegre, passei dando "canjas" na noite da cidade".

A "competição" com Baldauf

Gaúcho de Rio Grande e brasiliense por adoção, João Antônio Primo aprendeu música [illegible] a mãe tocar. Autodidata, ele tentou [illegible] música várias vezes, mas o "ouvido" sempre esteve muito na frente, fazendo com que desistisse da idéia. A intimidade com os teclados vem desde a infância, quando tocava acordeon e hoje ele domina nada menos do que 10 instrumentos. Em Porto Alegre, em 1954, Primo e Seu Conjunto acompanhavam Elis no programa de Aroldo Guerra e Sadi Nunes. Aqui, ele criou o conjunto Flamingo que tocava em bailes e que nutria uma saudável "competição" com Norberto Baldauf.

— Nós tínhamos uma disputa que virou uma grande amizade, brincávamos muito com isso. Em algumas ocasiões ele indicava o nosso conjunto para tocar em determinadas festas e, em outras, nós passávamos a bola para eles.

Em 1962, Primo foi para o Rio de Janeiro em razão de seu trabalho no Banco do Brasil. Lá, foi diretor da gravadora Musidisc, onde gravou quatro elepês. Quatro anos depois, pediu uma licença do banco para que pudesse acompanhar Agostinho dos Santos numa viagem de navio. A licença foi recusada e Primo optou pela música. Foram vários anos viajando a bordo de navios e divulgando a música brasileira. Em seis anos, Primo percorreu 46 países e fez inúmeros amigos. "Até hoje recebo cartões de Natal de pessoas que conheci durante estas viagens e respondo a todos. Essa fase da minha vida me traz ótimas recordações". Um dos momentos de maior emoção desta fase em que esteve no exterior, lembra ele, foi quando tocou no Bail de Petit Blanc, na Riveira Francesa. "Era o Baile dos Reis e a festa abriu com Grace Kelly e David Niven dançando Aquarela do Brasil. Eu tremia como uma criança".

De todos estes anos de profissão, Primo só traz uma mágoa: autor de várias composições, com 25 elepês gravados até hoje, ele só recebeu Cr$ 98 mil de direitos autorais. "O ECAD deveria se chamar Escritório Central de Arrecadação simplesmente, porque não distribui absolutamente nada. É uma entidade corrupta e safada. Eles não podem lesar os grandes como Roberto Carlos, então pegam o dinheiro dos pequenos como eu, mantém retido e aplicam no mercado de capitais. O que fazem é só arrecadar para eles mesmos".

ZERO HORA
GERAL

Editor: Diego Araujo ◆ diego.araujo@zerohora.com.br ☎ 3218-4752
Coordenadora de Produção (interina): Francini Ledur ◆ francini.ledur@zerohora.com.br ☎ 3218-4728

MEMÓRIA Antiga boate brilhou entre as décadas de 30 e 70 e foi criada por uma dançarina argentina, financiada por clientes

Histórias da Mangacha marcaram época

CAROLINE TORMA
◆ Correspondente/Rio Grande

A exemplo do Moulin Rouge – que se tornou um ícone da cultura parisiense –, um tradicional cabaré também marcou época em Rio Grande, na zona sul do Estado.

Entre as décadas de 30 e 70, era impossível passar pela noite rio-grandina e ficar imune à Mangacha. Hoje, o local, que já recebeu visitantes ilustres como Mário Lago, Jamelão e Lupicínio Rodrigues, é alvo de uma pesquisa desenvolvida pelo jornalista rio-grandino Willy César Ferreira.

Muita gente famosa, ou que mais tarde ganharia notoriedade, experimentou os drinques e desfrutou a boa música produzida pela orquestra do cabaré. Fascinado pela história da Mangacha, Ferreira estuda há mais de 10 anos as histórias do lugar. Interessou-se pelo tema em 1991, quando entrevistou o ator Alberto Rushel, protagonista de *O Cangaceiro* (1953) – o primeiro longa-metragem brasileiro a conquistar prêmios nos festivais de Cannes e Berlim. Rushel, natural de Estrela, morou em Rio Grande por dois anos e era freqüentador assíduo do cabaré.



Uma boa história é feita com bons personagens. E eles não faltaram nas quatro décadas em que a Mangacha reinou soberana nas frias madrugadas da cidade. A proprietária, Liduvina Orallo (*no detalhe*), era uma empresária de mulheres que chegou a Rio Grande em 1917, vinda da Argentina. Bailarina de outra boate de luxo, destacou-se entre as colegas e conseguiu com os clientes recursos para abrir seu próprio negócio. O cabaré foi construído em um terreno na então Rua Uruguaiana, atual Silva Paes.

Liduvina casou-se com o pianista Juan Mugica. Como ela, o músico aportou em Rio Grande e nunca mais deixou a cidade. Liduvina morreu em 1953, aos 62 anos. Mugica ainda viveu por mais seis anos. Como o casal não teve filhos, a administração do cabaré passou para o motorista de Liduvina, conhecido apenas como Goulart. A Mangacha, entretanto, entrou em declínio, e o casarão foi demolido no início dos anos 80. Hoje, no local, funciona um posto de gasolina.

Músicos partiram do cabaré para o estrelato

A trilha sonora da Mangacha era de primeira linha e fazia o diferencial da casa em relação à concorrência. Muitos de seus músicos partiram para o estrelato. Como o acordeonista Luis Laviaguerri – conhecido como Luiz Gaúcho – que trabalhou na Rádio Nacional e gravou vários discos, o maestro Ciro Pereira, que até hoje vive em São Paulo, e João Pernambuco Primo, que morreu em dezembro do ano passado.

REPRODUÇÃO/ZH



Orquestra: músicos de qualidade

Conforme apurou o jornalista, certa vez, durante a década de 80, Primo se viu diante do então presidente norte-americano Ronald Reagan, durante recepção oficial em Brasília. O músico não resistiu e dedilhou no piano os acordes iniciais da música *As Time Goes By* – imortalizada pelo filme Casablanca, protagonizado por Humphrey Bogart e Ingrid Bergmann.

– Reagan cantou a letra e esse momento ficou na memória das festas na capital federal. O Primo sempre dizia que, para quem começou na Mangacha, em Rio Grande, acompanhar o ex-presidente Reagan tinha sido o máximo – relata Ferreira.

O jornalista já projeta a produção de um CD com as músicas da casa, acompanhado de um encarte com alguns versos desta história.

FOTOS FLÁVIO NEVES – ESPECIAL/ZH



Pesquisa: o jornalista Willy Ferreira investiga há mais de 10 anos registros sobre a casa noturna em busca de pessoas que auxiliem a recontar o passado

Lembranças de um freqüentador

Cliente assíduo do cabaré Mangacha durante as décadas de 40 e 50, o radialista e odontólogo rio-grandino Jayme Copstein, que há 17 anos comanda o programa Brasil na Madrugada, *pela Rádio Gaúcha, em Porto Alegre, guarda na memória episódios engraçados e pitorescos ocorridos no lugar.*

"Quem viveu em Rio Grande naquela época e não freqüentou a Mangacha passou pela vida, mas não viveu. Fui levado à Mangacha por um colega da Gazeta da Tarde. Talvez porque fosse jornalista, a menoridade não me impediu de freqüentar a casa. Recebi conselhos das mulheres, de que tivesse cuidado para não apanhar doenças venéreas. Eram tempos ingênuos, sem drogas nem violência. A bronca era do meu pai, porque eu chegava tarde em casa, às vezes alegre demais. Saí de Rio Grande em 1945, com 17 anos, para estudar em Porto Alegre. Voltei em 1949 e tornei a freqüentar a Mangacha até me casar. Minha despedida de solteiro foi lá. Por sorte, três dias antes do casamento: a ressaca foi de tal ordem que tive de me socorrer do doutor Paganini para me livrar da dor de cabeça. Em certa ocasião, alguém muito poderoso na cidade excedeu-se em expansões amorosas com uma das dançarinas. Nada demais: um abraço meio entusiasmado, um beijo mais prolongado, coisas que se vê hoje em qualquer esquina. Liduvina, a dona do lugar, discretamente foi até a mesa perguntar se não seria adequado ele convidar a moça para um ambiente privado. O poderoso não chiou. Reconheceu o excesso e pediu desculpas."



Olyr Zavaschi
☎ 3218-4307



Almanaque Gaúcho



Túnel do Tempo

A Farroupilha e seus conjuntos

A Rádio Farroupilha já nasceu com a bênção de grandes artistas brasileiros. No dia 24 de julho de 1935, na sua inauguração, os convidados eram ninguém menos que os dois dos mais importantes cantores brasileiros da época: Mário Reis e Carmen Miranda. Uma multidão invadiu a Duque de Caxias, no centro de Porto Alegre, para vê-los entrar no estúdio onde a rádio funcionava. Como era comum na época, a Rádio Farroupilha – a famosa PRH 2 – construiu seu grande prestígio levando ao ar radionovelas e especialmente músicos e cantores. Além de Carmem Miranda e Mário Reis, a rádio pôs no ar naquele primeiro dia o Hino Rio-Grandense (afinal, era o centenário dos farroupilhas, que davam o nome à nova emissora), a *Ave Maria* de Schubert e, abrindo a programação popular, Paulo Coelho e seu conjunto. A programação de um dia normal desse ano incluía, por exemplo, música gravada entre 10h15min e meio dia, além de orquestras típicas e de jazz. A rádio saía do ar entre 14h e 18h, para voltar depois com mais música só interrompida pela *Hora do Brasil* (que então era de 30 minutos) e pelo noticiário que era levado ao ar entre 23h e 23h15min. Com essa programação, era inevitável a valorização de conjuntos e de cantores. Primo e seu Conjunto, que atuou na Farroupilha entre 1954 e 1959, consagrou Primo como um artista nacional, levado depois ao Rio e a Brasília como o pianista dos presidentes da República e das festas do Itamaraty.

ACERVO DE LUIZINHO/ZH



Primo e seu Conjunto, na década de 50, com Osvaldo Carrero, Nilton Baraldo, Luizinho, Sumerval Baraldo, Fernando Colares, Belo e Primo (a partir da esquerda) e Osvaldo Carrero (acordeon)

SIOMA BREITMAN, ACERVO ESTELITA LEAL/ZH



Luiz Pery Borges e Estelita Leal, na Farroupilha dos primeiros anos

Fonte: Rádio no Rio Grande do Sul, *de Luiz Artur Ferraretto, e colaboração de Luiz Carlos Rodrigues (Luizinho), que integrou Primo e seu Conjunto*

Aniversário da Rádio Farroupilha (1935)
Santos do dia: Ursino, Niceta, Luísa de Sabóia

HOJE NA HISTÓRIA

♦ Em 24 de julho de 1839, Giuseppe Garibaldi, a serviço dos farroupilhas, **desembarca em Laguna** para, dias depois, fundar a República Juliana

♦ Estréia em 1934 o filme **Cleópatra**, uma superprodução do diretor Cecil B. de Mile

♦ A baiana Marta Rocha (foto) perde o título de Miss Universo, sob a alegação de que tinha **duas polegadas a mais** nos quadris, em 1954



Balada para Faraco

LUIZ DE MIRANDA

Tudo está pousado, Faraco,
e nada volta do passado.
Um pássaro voa
e nos leva na bruma
leve da melancolia
que não adia
os vórtices da esperança.
Erico Verissimo descansa
em teu peito alegretense.
Um prêmio para ti
é também para mim
que te sigo
como amigo
desde sessenta e oito
por um horizonte
que não tem mais fim.
É a eternidade da palavra,
a dolorosa via,
que sempre ruma
a um novo texto.
Faraco, que a aurora
nos seja leve
e tarde muito
nossa hora.

(Quando Faraco recebeu o Prêmio Erico Verissimo, em 2003)

Você sabia? (1)

♦ ... que durante milênios a memória musical se transmitiu oralmente, geração após geração, até mesmo porque não se conhecia maneira de fixar os sons por escrito? Assim, durante centenas de anos, músicas e canções chinesas, indianas, gregas e egípcias sobreviveram como expressão cultural que evoluía constantemente.

Você sabia? (2)

♦ ... foi com o cantochão ou canto gregoriano que a música começou a ser registrada por escrito, transmitindo-se, assim, sem corruptelas ou alterações. Com o canto gregoriano (que deve seu nome ao papa Gregório I, por volta do ano 600), a escrita musical evoluiu até conseguir a perfeição que hoje apresenta.

Confissão

No confessionário:
– Padre, cometi o pecado da carne e estou me confessando para que Deus me perdoe.
– É grave, meu filho. Quantas vezes?
– Desculpe, padre. Eu só queria me confessar e não me gabar!



Millôr Fernandes
Só há uma coisa que a vida ensina: a vida não ensina nada

ORIGEM

CHAPADA

O nome da cidade e do município tem como origem, segundo pesquisas, na existência de uma fazenda com o nome de Chapada. Uma escritura pública lavrada em 1920 é o mais antigo documento que registra o nome, indicando a existência de uma verdadeira chapada na região de campo de São Miguel. Foi essa peculiaridade geográfica que marcou o local e a maneira como as pessoas a ele se referiam ("Vou à Chapada", "vim da Chapada" etc.). O território que hoje integra o município pertencia antes a Palmeira das Missões e Sarandi. A emancipação foi conquistada em 13 de fevereiro de 1959.

LOTERIAS

DUPLA SENA – CONCURSO 275

1º Sorteio

Dezenas	Acertadores	Prêmio
Seis	0	

* Acumulados R$ 706.514,44

2º Sorteio

Dezenas	Acertadores	Prêmio
Seis	0	0
Cinco	16	R$ 4.574,84
Quatro	911	R$ 80,00

Os números extra-oficiais:

1º Sorteio

05	12	20	31	42	45

2º Sorteio

01	12	14	28	30	45

SERVIÇO

ANIMAIS – O Movimento Gatos da Redenção e a Águia Veterinária, em parceria com as secretarias municipais da Saúde e do Meio Ambiente, promovem a Feira de Doação de Animais Abandonados, amanhã, das 10h às 17h, na Redenção, na Capital. Também haverá distribuição de brindes, cartilhas informativas, atrações e campanha de arrecadação de alimentos. Para adotar um animal na feira, é necessário ser maior de 18 anos e apresentar carteira de identidade.

ALZHEIMER – A Associação Brasileira de Alzheimer e o Grupo de Apoio aos Familiares dos Doentes de Alzheimer promovem debate na segunda-feira sobre o tema A Vida do Cuidador. Às 17h na sala 160 do Hospital de Clínicas.

OFICINAS – A Secretaria Municipal do Meio Ambiente da Capital promove oficinas de capoeira, arte com sucata, reciclagem, bonsai, sisal e jardinagem no Solar Paraíso (Travessa Paraíso, 71, bairro Santa Teresa), durante o mês de agosto. Informações: (51) 3232-1652.

HANDEBOL – A Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer da Capital abre inscrições de terça-feira a 6 de agosto para o 2º Viva o Handebol, que se iniciará no dia 13 de agosto no Ginásio Tesourinha, no Colégio Rosário e no Colégio La Salle São João. As equipes interessadas deverão colaborar com a doação de alimentos não-perecíveis que serão repassados ao Programa Fome Zero da Capital. As inscrições serão feitas na secretaria (Avenida Borges de Medeiros, 2.713, no Parque Marinha do Brasil). Informações: (51) 3233-2208, *eventos@sme.prefpoa.com.br* ou *www.portoalegre.rs.gov.br/sme*

BLOQUEIO – Haverá bloqueio de vias na Capital no fim de semana. Confira:

- **Hoje** – A Rua São Cristiano ficará bloqueada, entre a Rua Correa Lima e o Beco Itagiba, no Morro de Santa Teresa, das 14h às 19h.
- **Hoje e amanhã** – A Estrada da Serraria ficará bloqueada, em meia pista, entre a Rua Jacipuia e o Beco Guará, das 9h às 18h.
- **Amanhã** – A Rua Manoel Militão Camargo ficará bloqueada, entre a Rua Dolores Duran e a Rua Mário Tavares de Souza, das 10h45min às 12h30min.

Os leitores podem enviar suas colaborações para **"Almanaque Gaúcho"**, Redação de Zero Hora, Av. Ipiranga, 1.075, CEP 90.169-900, Porto Alegre-RS – E-mail: *almanaque@zerohora.com.br*

REPORTAGEM ESPECIAL

Memórias do pianista da Corte

O músico gaúcho que presenciou 25 anos da República conta histórias dos bastidores do poder

CACALOS GARRASTAZU/AGÊNCIA RBS



Memórias: Primo, que tocou Besame Mucho para Zélia e Bernardo Cabral, exibe as fotos que testemunham seu prestígio entre os governantes

VERA ZÍLIO
Especial/ZH

Era uma hora da manhã. A festa estava terminando. Restavam poucos convidados no Clube das Nações naquela noite quente de Brasília. A conversa seguia frouxa, embalada pela música suave. De repente, a ministra atravessa o pequeno salão, chega ao ouvido do tecladista e pede:

– Por favor, toca *Besame Mucho*.

João Antonio Peixoto Primo tocou. Zélia Cardoso de Mello e Bernardo Cabral dançaram, de rosto colado, apaixonados. Comemoravam os 37 anos dela e confirmavam uma suspeita: dois dos mais importantes ministros de Fernando Collor viviam um romance. Deu no que deu: pouco tempo depois, Cabral, que era casado, deixou o Ministério da Justiça, e Zélia, o da Fazenda. Com apenas uma música, Primo derrubou dois ministros.

Essa foi uma das muitas histórias que esse gaúcho de Rio Grande, 63 anos, testemunhou nos 50 anos de música, 25 dos quais passados em Brasília, como "pianista da Corte". Antes de chegar à capital federal, Primo tocou pelo mundo e pelos mares, dos cassinos de Las Vegas e das festas em transatlânticos aos bailes da realeza européia. Na Riviera Francesa, David Niven e Grace Kelly dançaram ao som do piano de Primo. De cada período ele guarda fragmentos de encontros inesquecíveis.

A primeira grande personalidade que o pianista conheceu foi Getúlio Vargas, na campanha para a Presidência, em 1950, na Praia do Cassino: "Era o baixinho mais imponente que já vi", afirma. Primo era garoto ainda. Logo depois, conduzido pelo maior disc-jockey da época – Glênio Reis –, Primo chegou a Porto Alegre. Na capital gaúcha, firmou-se como tecladista e ganhou fama. Na década de 60, criou o conjunto que, a exemplo do grupo de Norberto Baldauf, era disputado para os Bailes da Reitoria. Tocava vibrafone no Flamingo, onde a vocalista era uma baixinha de sorriso largo, que depois encantaria o Brasil: Elis Regina.

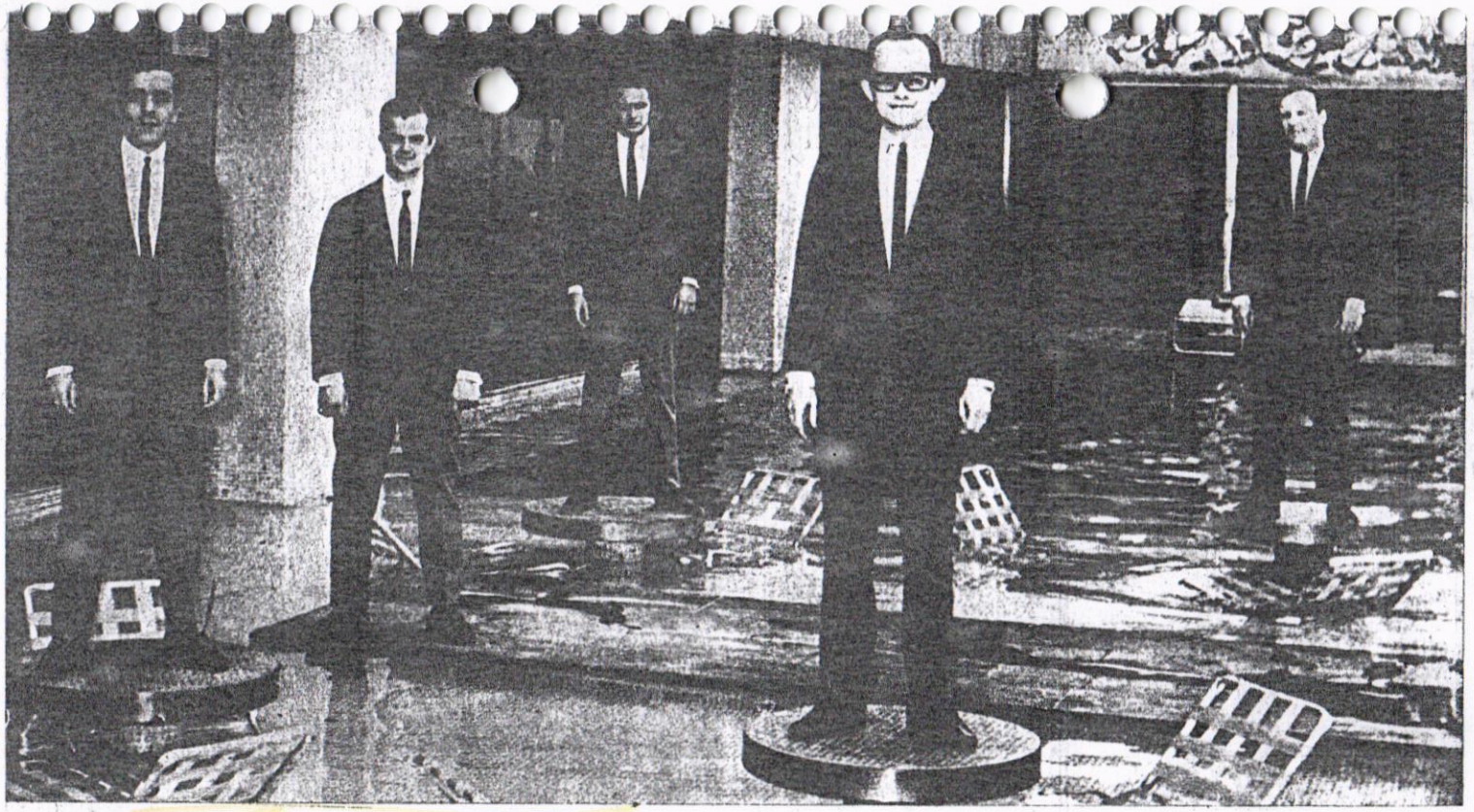
Foi o acordeão de Pratini de Moraes que o levou a Brasília. Antigos companheiros e sanfoneiros no CTG 35, de Porto Alegre, encontraram-se anos depois. Pratini, então ministro do Planejamento de Emílio Médici, o convidou para animar a festa de aniversário do presidente. Era o início dos anos 70, a época do "Brasil Grande", do AI-5, do "Ame-o ou Deixe-o", da censura. O Brasil empobrecia, mas, na chamada "Ilha da Fantasia", quase ninguém percebia. A vida corria solta em festas de alto estilo, de segunda a segunda, postura bem-definida pela frase celebrizada pelo colunista Ibrahim Sued: "Sorry, periferia".

As festas de Sarney e de Collor não tinham o brilho e a ostentação das noites dos generais

Primo chegou para ficar uma semana, mas percebeu que encontrara seu porto. Havia bastante trabalho. Nem a alienação de algumas madames da Corte, que extrapolavam os limites do bom senso, o perturbava. Numa tarde de domingo, a festa de aniversário estava animada na Península dos Ministros, mas a aniversariante não aparecia. Finalmente, ao som do *Parabéns a Você*, a homenageada entrou no salão, puxada por uma delicada coleira. Tratava-se de Lili, uma cachorrinha poodle, que completava naquele dia um ano de vida. Primo não revela o nome da dona da casa, que ainda mora em Brasília.

Passou o tempo de Médici, veio outro general, Ernesto Geisel. Calado, sisudo, Geisel deixava as festas para a filha, Amália Lucy, que adorava dançar o *Balaio*, do folclore gaúcho. No final da década de 70, as festas começaram a escassear. Mas as "domingueiras" da Granja do Torto, de João Figueiredo, o último dos generais, ficaram famosas. O presidente, que preferia o cheiro de cavalo ao do povo, deixava o mau humor no Planalto e divertia os convidados com um corrupião – seu pássaro de estimação – que cantava o *Hino Nacional*. Dulce, a esfuziante primeira-dama, preferia dançar *New York, New York*. Ocasionalmente, tirava os sapatos e caía no samba.

Com José Sarney, ainda na euforia fugaz do Plano Cruzado, a música de Primo era freqüente no Palácio da Alvorada. O pianista tocava *Marimbondos de Fogo*, com letra do presidente-poeta, sempre que desejava atrair a atenção de Sarney. No governo de Fernando Collor, Primo foi chamado apenas três vezes ao Alvorada: duas em aniversários, e a terceira em um chá de embaixatrizes. Chegou a descer a rampa com o presidente, com quem ainda mantém amizade. Mas as festas de Sarney e Collor não tinham, nem de longe, o brilho e a ostentação das noites dos generais.



El "Primo Quinteto" en "El Camichín" del Alameda

De izquierda a derecha, señores Portinho, Primo, Claudio, Erne y Breno que, procedentes de Río de Janeiro, Brasil, llegaron al hotel Alameda, los cinco miembros del famoso PRIMO QUINTETO, contratados en exclusiva para el Restaurante-danzante "El Camichín". La especialidad del grupo musical es el *bossa nova* bailable "a la manera carioca", pero interpretan también toda clase de ritmos internacionales.

MÉXICO

A mediados de 1964 MÉXICO

fl. 42

1983
1983

Folha da Tarde

Primo, 37 anos de música

João Antônio Peixoto Primo, 50 anos de existência e 37 de vida artística comemorados na última quarta - feira, em Brasília, é o que se pode chamar de um verdadeiro mestre do teclado. É exímio músico em piano, órgão, acordeon, cavaquinho, cravo, escaleta e nas mais recentes invenções eletrônicas em teclas.

Reconhecido como o executor das grandes músicas românticas, principalmente daquelas que marcaram época nos anos 50 e 60, aplaudido por presidentes, ministros, embaixadores e autoridades federais residentes no Distrito Federal, Primo é humilde quando diz que apenas atende pedidos musicais.

Mas não é esta propriamente a verdade. Primo sabe tocar bem e, há 10 anos em Brasília, conhece as preferências musicais destas personalidades. Ele sabe, por exemplo, que o presidente Figueiredo aprecia tangos; que a primeira dama, dona Dulce, gosta de escutar Blue Moon; que o ministro chefe da Casa Militar, Rubem Ludwig, desde "que era mocinho", gosta de ouvir Douce France e outras músicas francesas; que o ex - presidente Médici, pela ordem, gostava que ele executasse o Hino do Grêmio, do Flamengo e depois músicas gauchescas; que o ex - presidente Geisel apreciava músicas de origem alemã, introduzidas no folclore gaúcho; e até que o presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, adora "Casablanca", pois quando de sua visita ao Brasil, num churrasco na Granja do Torto, ouviu Primo tocar e emocionado foi abraçá - lo.

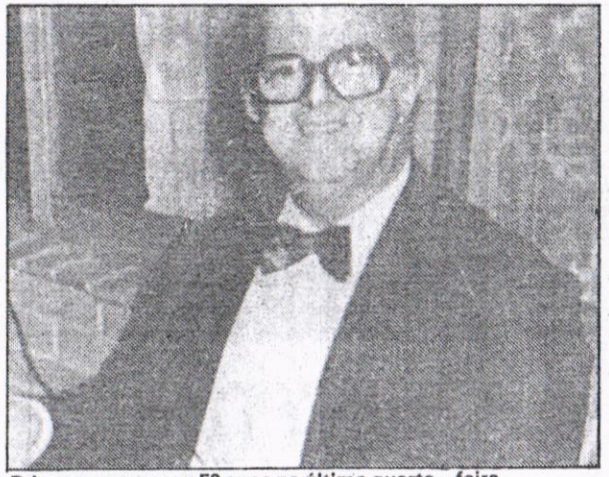
Primo diz que as pessoas o classificam como um músico elitista, porque tem como ouvintes presidentes da república e altas autoridades do País e do Exterior. Mas, "se convidado" para tocar em qualquer clube de segunda classe, afirma, "tocarei". Para ele o importante é difundir a música.

QUEM É PRIMO

Primo nasceu em Rio Grande, e desde pequeno tinha uma paixão pelos saraus e festinhas em casa, quando sua mãe interpretava valsinhas ao piano.

Um dia, aos 14 anos, "deu de mão" no acordeon de um amigo e "sem mais nem menos" acompanhou sua mãe numa valsa. Daí, Primo não parou mais. Criou seu primeiro conjunto, chamado Primo e Seu Conjunto Melódico.

Alguns anos mais tarde, Elizeth Cardoso foi a Rio Grande. Ele a acompanhou ao piano. A cantora, já conhecida nacionalmente, pediu a Primo que fosse a Porto Alegre acompanhá - la num show. Ele foi e não voltou mais para Rio Grande.



Primo comemorou 50 anos na última quarta - feira

Aos 21 anos Primo fundou um outro conjunto e durante 17 anos, na capital gaúcha, disputou com Norberto Baldauf as melhores festas particulares e bailes dos clubes da cidade.

Também durante estes anos ele acompanhou Elis Regina nas suas excursões pelo interior do Rio Grande do Sul. Ele ainda, mudando um pouco seu estilo, tocava para Lupicínio Rodrigues cantar.

Em 1955, quando se apresentava em programas de auditórios e ganhava 600 mil réis, que eram divididos com oito músicos, Primo gravou seu primeiro LP, de uma série de 24. E na melhor gravadora do País na época, a Mocambo de Recife.

Mas, surgiu a "Jovem Guarda", as festas com hi - fi e Primo sentiu que os tempos estavam mudando e as pessoas aderindo aos modismos e deixando de lado a música romântica. Resolveu, então, ir embora do Rio Grande do Sul. Sua opção foi o Rio de Janeiro e lá sua vida mudou totalmente. Cuidou de regências musicais, pediu demissão do cargo de escriturário do Banco do Brasil e, atendendo à convite, foi tocar em cruzeiros marítimos, na Europa e Oriente Médio. De convite em convite Primo morou no México, um ano, acompanhando Peri Ribeiro e Dalva de Oliveira e depois, outro ano, em Hollywood.

Em 1968, como ele mesmo classifica, o "gauchismo" o chamou e voltou ao Rio Grande do Sul, para "começar tudo de nodo". Sem conhecer mais ninguém, nem mesmo músicos, pois seus companheiros também tinham partido do Sul, Primo reiniciou sua vida artística

MAIOR ALEGRIA E A GRANDE TRISTEZA

Trinta e sete anos de carreira deram a este rio - grandino "do mundo" muitas marcas. A maior alegria de Primo é ter tocado e, com sua interpretação, feito dançar sua grande musa, a já falecida princesa Grace Kelly.

Primo relembra que foi convidado a fazer a abertura do "Le Petit Blanc", o grande baile anual dos reis e rainhas e personalidades européias, na Riviera Francesa. Emocionado recorda que abriu o baile com "Aquarela do Brasil", e Grace Kelly e David Niven dançaram.

A outra alegria de Primo é talvez uma exclusividade. Ele foi o primeiro músico a tocar no ponto mais austral do mundo — onde esteve há pouco a expedição científica da Marinha Brasileira no Pólo Sul. E dessa experiência ele possui um diploma dado pelo prefeito de Ushuaia, na Terra do Fogo.

A grande tristeza de Primo é de não ter ainda a classe uma melhor condição social. Ele declara que os políticos e autoridades federais apreciam escutar o músico, mas esquecem de auxiliá - lo nas suas necessidades de vida e de Previdência Social. A obrigatoriedade de um por cento na execução de música nacional nos bares e restaurantes tramita há 14 anos no Congresso Nacional e nenhum político se manifesta, exemplifica.

O músico também tem muita culpa disso. Pela sua própria condição de artista, vivendo necessariamente o dia - a - dia, com uma visão cosmopolita das coisas — característica da classe — não consegue chegar ao futuro. Por isso, afirma Primo, a classe dos músicos é a mais pobre, a mais desprotegida e a mais discriminada pela sociedade

Manara reabre as portas

O Manara (Goethe, 200, fone 332-9705) reabre as portas hoje com novidades – depois de completa remodelação, a casa noturna agora dispõe de dois palcos e os DJs prometem não se limitar à dobradinha axé/pagode e os ritmos bate-estaca. A reinauguração começa às 23h.

Na pista principal, a banda de covers Kooks, especializada em clássicos do pop/rock. No "andar de cima", Armandinho e Banda dão a largada para uma programação que promete boa música brasileira de terças a sábados. Os ingressos para os shows custam R$ 5, consumação masculina a R$ 12 e consumação feminina a R$ 7.





BANCO DE DADOS/ZH



Primo já teve na platéia notáveis como Ronald Reagan, Lady Di, Menem, Grace Kelly e presidentes do

O piano de Primo voltou

Músico gaúcho radicado em Brasília toca hoje no Girasole

Um dos principais músicos gaúchos da noite está de volta. O pianista e organista Primo, radicado há 28 anos em Brasília, toca hoje no Girasole (Vieira de Castro, 435) e amanhã no Chips (Getúlio Vargas, 254), às 21h, acompanhado pelo baterista e cantor Baby.

No final de semana, estará no palco do Se Acaso Você Chegasse (Venâncio Aires, 866) às 23h. Primo resume o repertório como de MPB, luminosa de canções, sambas, bossas e chorinhos, reforçada por clássicos da música internacional.

O rio-grandino João Antonio Peixoto Primo já teve como público Ronald Reagan, Lady Di, Carlos Menem, os últimos seis presidentes do Brasil e casais de 46 países. Ele confessa que uma vez tremeu.

– Era uma festa na Riviera em 1967. Eu fazia parte da orquestra do maestro Copinha, e tocamos para que Grace Kelly e David Niven abrissem o baile.

O músico de 67 anos esteve sempre tão perto dos

dos 60, animava a noite porto-alegrense com seu conjunto Flamingo, que entre seus mais talentosos vocalistas tinha uma menina estrábica mas com a voz absolutamente no lugar – Elis Regina. Primo caiu no mundo em 1966, acompanhando o grupo de Agostinho dos Santos que acompanhou os turistas brasileiros à Copa do Mundo da Inglaterra. Em 1972, mudou-se para o Planalto, depois de "abrir" na festa de aniversário do presidente Emílio Garrastazu Médici. Primo se tornou cidadão honorário de Brasília no ano passado.

A vinda a Porto Alegre serve para ele lançar seu quarto CD (que se junta a outros 28 elepês). O nome do disco – *Entre Amigos* – dá o tom. Entre os convidados, dois rio-grandinos – a cantora Abigail e o acordeonista José Mello. Primo está preparando o lançamento do seu livro *Festa Acabada, Músicos a Pé*, que deverá estar nas bancas no final do mês contando como é difícil e divertido ir aonde o povo está. Um dos causos que Primo relata aconteceu h mais de 30 anos, em pleno inverno de Vacaria.

Rio Grande (RS)

Nosso maestro Peixoto Primo



Por GUILHERME CURI

No último dia 31 de dezembro Rio Grande perdeu um dos seus filhos mais ilustres. Aos 68 anos, o maestro João Antônio Peixoto Primo faleceu vítima de uma parada cardíaca. O Peixeiro desta semana conta um breve histórico da carreira do músico rio-grandino que morava há mais de 28 anos na capital do País. A reportagem faz parte do projeto "A Música e o Mar".

João Antônio Peixoto Primo era de Rio Grande de uma família de mais nove irmãos. Seu pai era um exímio pianista. Começou tocando acordeón na infância mas pouco tempo depois, influenciado diretamente por sua mãe, descobriu no piano sua verdadeira vocação musical.

No começo de sua longa e vitoriosa trajetória artística, entre 1958 e 1962, liderou o conjunto Flamingo que fazia sucesso por todo estado e tinha como crooner ninguém menos do que Elis Regina, então no ínicio de carreira.

Em 1966, Primo deixou para trás o emprego de bancário e a conseqüente estabilidade para então embarcar no navio Rosa da Fonseca, acompanhando o cantor popular da época Agostinho dos Santos pela Europa, juntamente com a torcida brasileira que iria para Copa do Mundo na Inglaterra. Vexame nos gramados, decisão na cabeça: hora de levar a carreira a sério.

Seis anos depois da decisão, mais precisamente em dezembro de 1972, Primo foi convidado para ir para Brasília tocar no aniversário do então presidente Garrastazu Médici. Seu talento fez com que imediatamente fosse contratado como músico oficial do Governo Federal.

Daí em diante, durante muitos anos, Primo tocou para diversas personalidades mundiais como Getúlio Vargas, Lady Di, Carlos Menem, François Miterrand, a rainha Sílvia da Suécia e o príncipe Juan Carlos da Espanha.

Para termos uma idéia de seu pretígio, em 1983, Primo viveu um dos momentos mais marcantes de sua vida. O governo brasileiro prestou uma homenagem ao ex-presidente americano Ronald Reagan, com Primo tocando ao piano a clássica canção "As Time Góes By" (tema do filme Casablanca). Na ocasião, Reagan levantou-se e começou a cantar junto a Primo, iniciando ali uma amizade que duraria por vários anos. Depois disso Primo foi visitá-lo algumas vezes em Washington, a convite do próprio ex-presidente norte-americano.

Ao longo dos seus quase 60 anos de carreira, Peixoto Primo viveu outras interessantes experiências, como em 1967 quando esteve na Rivera Francesa, tocando na orquestra do legendário flautista Copinha, no baile Lê Petic Blanc, um dos mais tradicionais da época, organizado pelo principado de Mônaco, evento que reuniu toda monarquia européia. Na ocasião, a orquestra brasileira abriu o baile com Primo tocando "Aquarela do Brasil" ao piano, enquanto na pista de dança estavam a Princesa Grace Kelly e o famoso ator David Niven. Primo também foi responsável por um fato polêmico recentemente quando executou o famoso tango "Besame Mucho" que denunciaria ao tablóides o affair entre Zélia Cardoso de Mello e Bernardo Cabral, então titulares dos Ministérios da Fazenda e Economia, que meses depois renunciariam os cargos.

Depois de toda esta trajatória, recentemente Primo estava à frente do conjunto, Primo e os Três de Brasília, integrado pelo saxofonista Queiroz, o cantor Arlindo Silva, cujo nome artístico é Baby e o baterista Alexandre Primo, um dos quatro filhos de Primo com sua esposa Adelaide.

Ao longo de sua carreira, o músico rio-grandino participou de 25 LPs, 4 CD's, conheceu mais de 45 países, foi homenageado por mais de vinte vezes, como a condecoração de Cidadão Honorário de Brasília e escreveu o livro autobiográfico Festa Acabada, Músicos a Pé, que descreve a trajetória do maestro e músico rio-grandino desde o início, passando pelo glamour das festas presidenciais, até os dias de hoje.

Sempre que questionado a respeito de sua cidade natal, Peixoto Primo sempre destacava com orgulho suas raízes. Rio Grande perdeu seu maestro

f/s 51

JOÃO ANTÔNIO PEIXOTO PRIMO

Considerando um dos pianistas populares de maior sucesso no Brasil, Nasceu nesta cidade de Rio Grande, é o caçula de 9 irmãos e filhos de eximia pianista.

Começou a tocar piano aos 10 anos de idade e até hoje, em todas as suas apresentações, procura sempre inovar os arranjos e melodias que executa.

Figura obrigatória em todos os eventos musicais, é um dos precursores da Bossa Nova, tendo gravado inúmeros discos, muitos deles editados com sucesso em vários países.

Primo, não é apenas um músico intuitivo, pois com seu toque mágico encontrou a formula perfeita de conquistar o interesse das multidões. E obteve tudo isso com um instrumento de elite: O piano. Ele tem aquilo que falta a muitos pianistas populares em todo o mundo: Estilo. Atua nos melhores centros noturnos do País e Exterior, onde chegou a tocar na Casa Branca, a convite do então Presidente Norte-Americano Ronald Reagan.

É dono de forte personalidade musical e, mesmo num país de tantos pianistas, é reconhecido imediatamente.

Todo um repertório eclético encontra em Peixoto Primo um interprete perfeito e caprichoso, que vem recebendo e acumulando inúmeros prêmios e troféus, honrando assim sua cidade natal, o nosso Rio Grande.

Em "*PIANISSIMO*", procura demonstrar todo o seu conhecimento e experiência adquiridos nesses anos todos de carreira.

Vamos ouvi-lo pois.

Tributo a Primo

Uma festa no bar Feelings (Venâncio Aires, 912) hoje, às 19h, marca o lançamento do livro/CD *Festa Acabada Músicos a Pé*, do tecladista riograndino João Antônio Peixoto Primo. Morto no último dia 31 de dezembro, aos 68 anos, Primo foi um dos músicos mais requisitados em Brasília, onde esteve radicado nos últimos 29 anos e tocou em inúmeras festas de autoridades, como presidentes e ministros.

O CD traz gravações de toda a sua carreira, desde os tempos em que atuava no Conjunto Flamingo, em Porto Alegre, nos anos 50 e 60. No livreto, o músico relata alguns causos de sua carreira. O álbum custa R$ 15 e estará à venda na festa, animada pela banda Vinhu du Portu e comandada pelo baterista Alexandre Primo, filho do tecladista, com repertório variando de MPB a música pop internacional. Ingressos no local a R$ 3. Informações e reservas pelo telefone: (51) 3388-4444.

Nilson Souza

A dor do sumiço

Um menino de três anos desapareceu no último sábado, no centro de Porto Alegre. Betinho, que saltou da vida real para as páginas dos jornais, deixou uma mãe desesperada e uma população inteira comovida com o seu sofrimento. A dor daquela mulher é contagiante. A gente tem vontade de sair também pelas ruas, esquinas e praças da Capital a perguntar para cada pessoa se não viu um garoto de óculos escuros (que é como ele foi retratado para a posteridade na sua única foto) caminhando sem rumo por aí.

Cada vez que uma criança some, o mundo deveria parar de girar. Todas as pessoas deveriam suspender imediatamente seus afazeres para participar da busca, até que a vida retomasse o seu rumo normal.

No rastro do intrigante episódio surge uma informação ainda mais assustadora: de acordo com fontes policiais, cerca de oito crianças somem diariamente no Estado e pelo menos 5% do total (2.852 casos no ano passado) jamais retornam. Não é pouco. São mais de 140 meninos e meninas que fogem de casa, são seqüestrados ou rumam

ESPAÇO CULTURAL

CULTURAL ESPECIAL
JOÃO ANTÔNIO PEIXOTO PRIMO

Maestro Primo - A música foi seu "Gol de Placa"

O maestro e pianista rio-grandino João Antônio Peixoto Primo, falecido no último dia 31, chegou a quase seis décadas de profissão tendo tocado para celebridades como Getúlio Vargas, Grace Kelly, Lady Dy, a rainha Silvia da Suécia, o príncipe Juan Carlos da Espanha; o ex- presidente dos EUA, Ronald Reagan e a ministra e escritora nicaraguense Violeta Chamorro. Ao todo o maestro tocou em 46 países.

Como fazia de costume há sete anos, Primo se apresentou na véspera de Natal na Pousada do Rio Quente, em Caldas Novas no interior goiano. No dia seguinte, o músico foi acometido de uma arritmia cardíaca, em decorrência da cirrose medicamentosa provocada pro hemacromatose. Levado ao Hospital Santa Luzia em Brasília, Primo teve alta na manhã do dia 31. À noite o maestro teve um novo mal-estar e foi levado de volta ao hospital, onde sofreu uma parada cardíaca e faleceu. O sepultamento foi realizado na tarde do dia 1º, no Cemitério Campo da Esperança, no Distrito Federal.

Por mais de cinco décadas, o maestro e pianista João Antônio Peixoto Primo nunca fez política, nem assumiu postos que o permitissem interferir na escolha ou veto de autoridades. Entretanto, foi considerado um dos principais responsáveis pela queda dos ministros Zélia Cardoso do Mello e Bernardo Cabral, no governo Collor. Foi o músico rio-grandino quem executou o bolero *"Besame Mucho"*, que denunciaria ao mundo o *affair* entre os então, titulares das pastas da Economia e Justiça, e que meses depois renunciariam aos respectivos cargos. Na noite do fatídico bolero, o maestro rio-grandino tocava no aniversário de Zélia, no Clube das Nações em Brasília. O bolero foi tocado a pedido da ministra.

Considerado o músico oficial do governo federal, há quase três décadas o maestro e músico rio-grandino residia em Brasília. Tocou em inúmeras solenidades oficiais, principalmente do Itamaraty. A história de Primo em Brasília começou em 1972, quando foi convidado para tocar no aniversário do presidente Emílio Garrastazu Médici. Desde então o maestro tocou para inúmeras celebridades do planeta, entre elas, Violeta Chamorro (ministra e escritora nicaraguense), a rainha Silvia da Suécia, Lady Di, o príncipe Juan Carlos da Espanha e ainda François Miterrand, Carlos Menem e Ronald Reagan, respectivamente ex-presidentes da França, Argentina e Estados Unidos. Ronald Reagan encantado com o talento do maestro o convidou para visitá-lo em Washington, dando início a uma amizade sincera e duradoura.

Famoso por tocar para os seis últimos presidentes do Brasil, o maestro e pianista Primo foi o responsável pela trilha sonora de inúmeros momentos importantes da história brasileira. Entre eles, o banquete de despedida do presidente **Médici**, a posse do presidente José Sarney, e o mais recente, o bolero que derrubou os ministros Bernardo Cabral e Zélia Cardoso de Mello.



O talento aliado a irreverência do músico João Antônio Peixoto Primo conquistaram o coração do poder do Brasil e celebridades do planeta



O "Primo e Três de Brasília" era composto por João Antônio Peixoto Primo, flautista Plauto Cruz, Chansonier baby e o percussionista Alexandre Primo



A última homenagem recebida em vida pelo músico João Antônio Peixoto Primo foi da Sociedade Amigos do Cassino

Outros momentos marcantes também fizeram parte do currículo e do coração do músico rio-grandino, como em 1967, no baile do *Petit Blanc*, organizado pelo principado de Mônaco, quando sua orquestra "Copinha" abriu o baile com *Aquarela do Brasil*. Ao piano Primo tremia, pois quem dançava a primeira música era nada menos que Grace Kelly e o ator David Niven.

Estréia no mundo da música

O ingresso de Primo no mundo da música aconteceu aos doze anos de idade, quando tocando acordeão, em uma rádio de Rio Grande. Primo aprendeu a tocar com sua mãe. Do acordeão, Primo passou para o piano, instrumento que acabou o consagrando como instrumentista. Ao se mudar para a capital, no final da década de 1950, formou banda "Flamingo", que tinha como crooner a então desconhecida Elis Regina.

As peripécias e os encontros com pessoas famosas estavam apenas iniciando. Desenvolto e bom pianista, Primo fez muitas amizades, mas por medo da instabilidade virou funcionário do Banco do Brasil. Graças ao emprego foi transferido para o Rio de Janeiro. Em 1966, convidado por Agostinho dos Santos, embarcou em um navio rumo a Londres. Ao todo, o maestro tocou em 46 países, divulgando a música popular brasileira e construindo o seu currículo de pianista e organista que incluiu a produção de mais de trinta discos e CDs gravados em todo mundo (México, EEUU, Viena, França, Venezuela, Argentina, Alemanha, Espanha, etc.). Primo também foi pianista e maestro de cerimônias dos navios da Ybara S/A, de Bilbao Espanha. Seu conjunto foi o único brasileiro a atuar em Ushuaya, e todo sul argentino na maior parte austral do continente americano. Dos presidentes estrangeiros, além de Ronald Reagan, Carlos Menem e François Miterrand, Primo tocou para os presidentes do Zaire, México, Romênia, Argentina, Uruguai, Peru, para o ministro Felipe Gonzales, além dos seis últimos presidentes do Brasil. Foi também diretor artístico da gravadora MUSIDISC do Rio de Janeiro. O embaixador da música, lançou 29 LPs e seis CDs, recheados de MPB, sambas, chorinhos, bossas e clássicos da música internacional.

Outra característica que marcou o músico rio-grandino, foi seu amor às viagens. Primo dirigiu excursões à Terra do Fogo, Ilha Galápagos, Ilha da Páscoa, Estados Unidos, América Central e vários países da América do Sul.

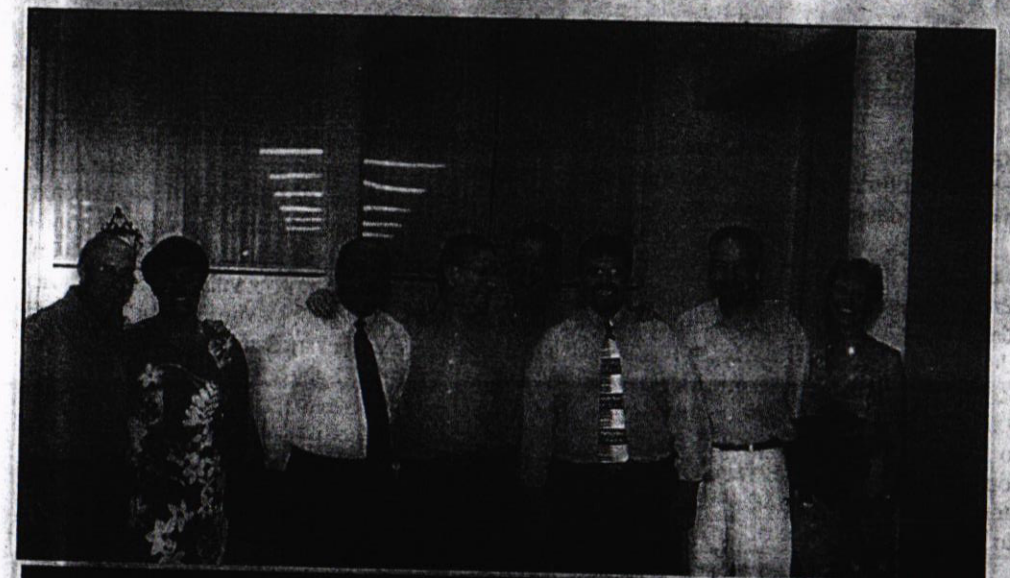
A Brasília de Primo

Com a irreverência por exemplo, de Paulinho da Viola, Primo incorporou a generosidade de sua música. Aturou bares, anônimos, chatos, sensíveis, desesperados ou românticos e distribuiu sua arte sem exigir credenciais na cidade dos cargos e aparências. O poder desafinou, Primo nunca. Os governos sairam do tom, Primo não. Esteve acima do bem, do mal e até daqueles que se achavam bons ou maus. A Brasília de Primo teve madrugadas de choro, canção, sambas e jazz (paixão desenvolvida no tempo que morou em Los Angeles). Brasília iluminada na parceria inesquecível com o saudoso Avena de Castro. Quando compunha era sob forte influência do blues. "Inveja" não ter feito o choro de Avena, *-Exaltação à Jacó*" brincava ele.

Compositor da Brasília viva. Não só as madrugadas de tensão política, intrigas ou falcatruas. Seus arranjos sublimes, demonstraram a cidade verdadeira que faz a verdadeira cidade, e não a cidade dos conchavos. Primo acompanhou nossa história, enquanto nós apenas tomamos parte dela.

NOTAS SOCIAIS

Luzia Barcelos



Nely Amado e Terezinha Costa e os componentes do "Primo e Tres de Brasília" Chansonier Baby, Salvador Tourinho, Jose Moacir, Alexandre Primo e Armindo e Graça Maçada



Virgina Ferrarelli, Débora Machado, Sandrinha da Ritmo do Corpo e Caroline Cunha nas homenagens à Primo na SAC

SAC

Quem fez o melhor Réveillon, fará o melhor Carnaval

Repercute o lançamento do CD de Primo na SAC

A diretoria da Sociedade Amigos do Cassino liderada pelo casal Graça e Armindo Maçada só recebe elogios pela programação apresentada para associados e à comunidade em geral durante o veraneio. Prova disso foi o Jantar-Dançante promovido no último dia 12, ocasião em que foi realizado o lançamento do CD "Festa Acabada, Músicos à Pé" do músico e maestro rio-grandino João Antônio Peixoto Primo. Na oportunidade o salão do restaurante e os jardins da Sociedade foram palcos de muita música e emoção.em homenagem ao músico recentemente falecido. No lançamento a presença da nova composição do "Primo e Três de Brasília", tendo o percussionista eletrônico Alexandre Primo, filho do Maestro no comando.

SAC comemora aprovação no vestilubar da FURG de sua Rainha

A bela Cynthia Brodt Martins, rainha da Sociedade Amigos do Cassino recebe os cumprimentos da diretoria da Sociedade por sua aprovação no vestibular para o curso de Ciências Contábeis da Fundação Universidade Federal do Rio Grande. Com apenas 17 anos e detentora de uma beleza ímpar, Cynthia é a prova de beleza aliada a inteligência. Parabéns!

ANÚNCIOS FÚNEBRES E RELIGIOSOS

OBITUÁRIO

Músico gaúcho, que conviveu com políticos e famosos, morava havia 28 anos na capital federal

Morre João Antônio Primo, o "pianista da corte"

No exato momento em que 2002 [illegible] iniciava, morria aos 68 anos o pianista, organista e acordeonista gaúcho João Antônio Peixoto Primo, radicado havia 28 anos em Brasília (DF). Ele foi vítima de parada cardíaca decorrente de cirrose medicamentosa.

Além da reconhecida capacidade musical, desde os tempos do conjunto de baile Flamingo, o "pianista da corte" foi testemunha privilegiada dos bastidores políticos na capital federal e teve a oportunidade de tocar para personalidades como Lady Di, Ronald Reagan, David Niven, Grace Kelly e os últimos seis presidentes do país.

Na véspera de Natal, Primo se apresentou na Pousada do Rio Quente, resort localizado em Caldas Novas, interior goiano, onde costumeiramente fazia havia sete anos. No dia seguinte, o músico foi acometido de uma arritmia cardíaca, em decorrência da cirrose medicamentosa provocada por hemacromatose, e foi levado ao Hospital Santa Luzia, em Brasília. A hemacromatose é uma doença rara que gera descompensação cardíaca e hepática.

A alta ocorreu na manhã de segunda-feira, mas um novo mal-estar o levou de volta ao hospital, onde sofreu uma parada cardíaca e, à 0h de ontem, morreu. O enterro ocorreu ontem à tarde, no Cemitério Campo da Esperança, no Distrito Federal.

O pianista estava com viagem marcada para Rio Grande, sua cidade natal, onde no próximo dia 10 lançaria o primeiro livro, *Festa Acabada, Músicos a Pé*, e o sexto CD. A publicação retrata os mais de 50 anos de carreira, além de pitorescas histórias sobre os bastidores do poder no Planalto.

Pianista criou nos anos 60 o conjunto Flamingo

Nascido em 23 de março de 1933, Primo começou a carreira aos 12 anos, tocando acordeão em uma rádio de Rio Grande. Conduzido por um dos maiores disc-jockeys da época, Glênio Reis, Primo chegou a Porto Alegre na década de 50. Na capital gaúcha, firmou-se como tecladista e ganhou fama.

Na década de 60, criou o conjunto que, a exemplo do grupo de Norberto Baldauf, era disputado para os bailes da Reitoria. Tocava vibrafone no Flamingo, que tinha entre as vocalistas uma jovem chamada Elis Regina. Primo também foi animador da Rádio Farroupilha nos anos 50 e 60 e participou do Conjunto Melódico Primo y Sus Demonios del Ritmo.

Em 1966, juntou-se ao grupo de Agostinho dos Santos que acompanhou os turistas brasileiros à Copa do Mundo da Inglaterra. O músico também tocou nos cassinos de Las Vegas, em festas de transatlânticos e em bailes da realeza européia, na Riviera Francesa – David Niven e Grace Kelly dançaram ao som de seu piano.

Primo ficaria somente uma semana em Brasília

O pianista acabou em Brasília por intermédio do hoje ministro da Agricultura, Pratini de Moraes. Os dois cultivavam uma amizade desde quando tocavam acordeão no CTG 35, de Porto Alegre. Pratini, então ministro do Planejamento de Emílio Médici, convidou-o para animar a festa de aniversário do presidente.

Era 1972, e o pianista "arrasou". Primo chegou para ficar uma semana, mas o trabalho farto e o conseqüente reconhecimento o fizeram permanecer no Planalto Central.

O "cônsul da música gauchesca", uma das alcunhas pela qual Primo era conhecido em Brasília, lançou 29 LPs e seis CDs, recheados de MPB, sambas, bossas, chorinhos e clássicos da música internacional.

O pianista, que recebeu mais de 30 comendas e títulos honoríficos, teve a filha Rose, do primeiro casamento, com Marisa Steigleder. Do segundo matrimônio de 36 anos com Adelaide Lázara, nasceram Alexandre, Luciano e Guadalupe. No total, são quatro netos.

SEGREDOS AO PÉ DO PIANO

BANCO DE DADOS/ZH



Convívio: FH e o músico Primo

Primo viveu parte do cotidiano dos últimos presidentes do Brasil, de Emílio Garrastazu Médici a Fernando Henrique *(à esquerda na foto, ao lado do músico)* além de presenciar bastidores de ministros, políticos e convidados ilustres.

Entre as histórias mais famosas, uma dança entre dois ministros de Collor, em 1990.

Era 1h, e a festa no Clube das Nações, em Brasília, estava próxima do final, com poucos convidados. Em meio à noite quente e à música suave, a ministra da Fazenda, Zélia Cardoso de Mello, atravessou o pequeno salão, chegou ao ouvido de Primo e pediu:

– Por favor, toca *Besame Mucho*.

Zélia e o ministro da Justiça, Bernardo Cabral, dançaram de rosto colado, como adolescentes apaixonados. Comemoravam os 37 anos dela e confirmaram uma suspeita: dois dos mais importantes ministros de Fernando Collor viviam um romance. Pouco tempo depois, Cabral, casado, e Zélia deixaram os ministérios.



FESTA NO ITAMARATY - ANOS 70 -
BRASÍLIA - DF -

Ag 56

H.S.S.T.R.J

DOMINGUINHOS/98

Hs 58 Rl



RÁDIO FARROUPILHA - 1956 - PORTO ALEGRE



1/5.59



CONJ. FLAMINGO - ANOS 60

fls. 60 RH



"PRIMO E TRÊS DE BRASÍLIA"
PEIXOTO PRIMO, CAUÊ PRIMO, MAURO ("S! PRA CONTRARIAR") E ALEX PRIMO - JAN 2001

A mais antiga do Estado
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

CÂMARA MUNICIPAL DO RIO GRANDE

COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO, JUSTIÇA, SERVIÇOS PÚBLICOS, INFRA-ESTRUTURA E CIDADANIA.

PARECER 83/06 **PROCESSO**.....804/2006.....

Esta Comissão, após apreciar o Projeto, constante do Processo acima enumerado, declara **não haver** impedimento a sua tramitação.

[ ] **INCONSTITUCIONAL**

[ ] **ANTIJURÍDICO**

[ ] **ANTIREGIMENTAL**

[ ] **INADEQUADO A TÉCNICA LEGISLATIVA**

Este é o parecer desta Comissão.

Sala das Comissões, 19 de JUNHO de 2006

.....
Presidente

.....
Vice-Presidente

.....
Secretário

.....
Membro

A mais antiga do Estado

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

CÂMARA MUNICIPAL DO RIO GRANDE

D E S P A C H O **Processo nº** 804/2006.

Designo para exercer a função de Relator (a) da matéria o (a) Vereador

(a) Claudia Costa

Deliberou a Comissão de ( ) enviar, ( ) não enviar ao Consultor Jurídico.

Rio Grande, 22 de maio de 2006.

Presidente da Comissão

Ao autor p/ juntar certidão de óbito. 28/04/2006.

PARECER JURÍDICO **Nº**

( ) Em anexo

( ) O presente projeto atende as normas Constitucionais, Jurídicas, Regimentais e adequado a Técnica Legislativa

Rio Grande, de de 200

Consultor Jurídico

D E S P A C H O

Na condição de Relator (a) :

( ) Acolho o parecer jurídico por seus fundamentos.

( ) Deixo de acolher o parecer jurídico pelas razões em separado.

( ) O presente projeto atende as normas Constitucionais, Jurídicas, Regimentais e é adequado a Técnica Legislativa.

Rio Grande, de de 200.

Relator(a)

PROJETO DE LEI

DÁ A DENOMINAÇÃO DE JOÃO ANTÔNIO PEIXOTO PRIMO A UMA VIA PÚBLICA NO MUNICÍPIO.

Art. 1º- Fica denominada de João Antônio Peixoto Primo uma via pública do município.

Art. 2º- Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

CÂMARA MUNICIPAL
DO RIO GRANDE
VISTO
PRESIDENTE

Estado do Rio Grande do Sul

CÂMARA MUNICIPAL DO RIO GRANDE

Of. nº 689/06
Proc. 804/06

Rio Grande, 19 de junho de 2006.

Senhor Prefeito,

Apraz-nos cumprimentá-lo, oportunidade que encaminhamos a Vossa Excelência, Projeto de Lei em anexo, para sua devida apreciação, aprovado no dia de hoje.

Sendo o que tínhamos para o momento, aproveitamos o ensejo para renovar protestos de elevada estima e distinta consideração.

Ver. Cláudio Castanheira Diaz
Presidente

ANEXO: Dá a denominação de João Antônio Peixoto Primo a uma via pública no município.

Exmo. Sr.
Janir Souza Branco
Prefeito Municipal
Nesta

CIDADE HISTÓRICA
RIO GRANDE
PATRIMÔNIO DO
RIO GRANDE DO SUL

LEI Nº 6.259, DE 27 DE JUNHO DE 2006

DÁ A DENOMINAÇÃO DE JOÃO ANTÔNIO PEIXOTO PRIMO A UMA VIA PÚBLICA DO MUNICÍPIO.

O **PREFEITO MUNICIPAL DO RIO GRANDE,** usando das atribuições que lhe confere a Lei Orgânica em seu art. 51, III,

Faz saber que a Câmara Municipal aprovou e ele sanciona a seguinte Lei:

Art. 1° - Fica denominada de João Antônio Peixoto Primo uma via pública do município.

Art. 2° - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Gabinete do Prefeito, 27 de junho de 2006.

JANIR BRANCO
Prefeito Municipal

cc:SMF/ULT/SMSU/CSCI/CMRG/PJ/EBCT/Família/Publicação

Relatório de Votação Secreta

Sessão

Tipo: Ordinária Número: 7867 Data: 19/06/2006

Votação Secreta

Número: 804/2006

Título: DA A DENOMINACAO DE JOAO ANTONIO PEIXOTO PRIMO A UMA VIA PUBLICA DO MUNICIPIO

Observ.:

Nome do Parlamentar	Partido	Voto
CLAUDIO COSTA	PT	Secreto
DELAMAR CORREA MIRAPALHETA	PDT	Secreto
JAIR RIZZO FERREIRA	PL	Secreto
JULIO CESAR SILVA	PMDB	Secreto
JURANDIR PEREIRA	PTB	Secreto
PAULO RENATO MATTOS GOMES	PPS	Secreto
SANDRO OLIVEIRA	PMDB	Secreto
SURAMA SANTOS	PSDB	Secreto
Wilson Batista Duarte Silva	PMDB	Secreto

Resultado

Sim: **9** Não: **0** Abst.: **0** Total: **9**

Presidente	1º Vice-presidente	2º Vice-presidente	1º Secretário	2º Secretário
CLAUDIO CASTANHEIRA DIAZ	SANDRO OLIVEIRA			